14 AGO/2024 - ANO 47 - Nº 2844 R$ 28,00
9 770104 394008
02844

INÊS 249

INÊS 249

ENTREVISTA

FERNANDO VALENTE PIMENTEL

Presidente da Associação Brasileira da Indústria Têxtil (Abit)

"NÃO QUEREMOS PROTECIONISMO, MAS EQUIDADE"

Por Mirela Luiz

O diretor-superintendente da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit), Fernando Valente Pimentel, é um dos incansáveis porta-vozes do setor na luta pela equidade tributária. Em entrevista à ISTOÉ, abordou os desafios enfrentados por esse segmento diante das condições desiguais de concorrência com empresas estrangeiras. Ressaltou que a indústria brasileira tem enfrentado dificuldades significativas devido às importações, especialmente aquelas provenientes da China, que representam mais de 50% do que o País importa nesse mercado, destacando que, em 2023, cerca de 25% do setor de vestuário foi abastecido por importações, o que evidencia a necessidade de estimular o consumo interno e fortalecer a competitividade da indústria nacional. Para ele, a aprovação da taxação do imposto para importações de até US$ 50, conforme projeto sancionado pelo presidente Lula, sob protesto do setor, é um passo importante, mas ainda não resolve completamente o problema, pois, para o empresário, é necessário avançar ainda mais na busca pela igualdade tributária. "Há muito mais do que blusinhas a ser defendido de uma descabida desigualdade tributária e regulatória", segundo ele, que destaca a importância da transparência nos dados e a atuação dos órgãos responsáveis pelo comércio internacional nesse processo que afeta milhares de empresas brasileiras.

COMPETIÇÃO "Há muito mais do que blusinhas a ser defendido de uma descabida desigualdade tributária e regulatória", diz Fernando Pimentel, da Abit

"Somos favoráveis à desoneração, conforme acordo firmado com o Haddad aprovado pelo Congresso; então, que acabemos com essa insegurança jurídica que nos incomoda tanto"

Qual é a situação da indústria têxtil e de confecção no Brasil em relação à concorrência internacional?

Será preciso que o consumo interno cresça e que ele seja, digamos, atendido pela indústria brasileira, que está sendo muito machucada pelas condições desiguais de concorrência, seja pelas plataformas digitais, que é um fenômeno mais recente, seja pela concorrência mais tradicional das importações feitas pelo regime geral, que pagam impostos de importação e que é diferente das plataformas, mas que advém de países com custos diferentes dos nossos. Eles possuem legislações diferentes das nossas, que, além de tudo, tem o custo Brasil, que nos prejudica enormemente. Majoritariamente, essas importações vêm da Ásia, com destaque para a China, que representam mais de 50% de tudo o que o Brasil importa no nosso setor e que gira em torno de US$ 5,8 bilhões a US$ 6 bilhões por ano, numa contrapartida para exportações da ordem de apenas US$1 bilhão por ano. No ano passado, a nossa estimativa é que cerca de 25% do mercado do vestuário tenha sido abastecido por importados.

Como foi recebida a aprovação da taxação do imposto para importação de até US$ 50?

Não se trata, em nenhum momento, de sermos contra qualquer tipo de operação ou que venhamos a ficar contra a modernidade ou novas tecnologias, mas sim pela igualdade tributária e regulatória que também têm o papel muito importante nessa questão. É fundamental destacar que essa busca pela igualdade tributária não tem relação com protecionismo, mas sim com a equidade. Precisamos ter transparência nos dados e incorporá-los às estatísticas do comércio exterior do País. Além disso, é importante que os órgãos responsáveis pelo comércio internacional atuem também nas importações de pequenas encomendas, verificando se os produtos foram feitos com matérias-primas adequadas e se a etiquetagem está correta. Esse assunto está ganhando uma proporção mundial. Temos conversado com os nossos pares nos Estados Unidos, na Europa e nos países da América do Sul e todos concordam que o grande desafio é conseguir o equilíbrio diante dessa realidade que aí está. Se você tem uma plataforma que produz na Ásia ou na China, por exemplo, e que não têm nenhum acordo comercial conosco, essa entrada no País, que existia sem pagar os impostos, era como se tivéssemos feito um acordo comercial sem negociar nada e continuarmos em desvantagem em relação a uma importação convencional. De qualquer maneira, é bem-vindo e mostra que as plataformas se ajustaram e vão cumprir aquilo que foi estabelecido agora pelo Congresso a partir do último dia 1º de agosto.

A Abit se mostrou insatisfeita com o texto da Reforma Tributária. O que frustrou a expectativa do setor?

Não foi descontentamento. Acho que os pilares colocados até agora foram bons. A não cumulatividade, não taxar investimentos, recolher gradualmente os impostos no destino, reduzir as confusas legislações de ICMS em todo o País. Reduzir toda essa guerra fiscal que acaba criando uma situação inusitada dentro do nosso território geográfico, que mais parece que quando vai se vender para outro estado está se vendendo para outro país. Então, todos os pilares até agora estão preservados. Quanto ao IVA, isso não está tão positivo assim. Estamos caminhando para termos o IVA mais alto do mundo, até mesmo maior do que o da Hungria, que é de 27%. Temos que tomar muito cuidado com os dosbramentos, com as posições de setores que ficaram mais prejudicados. Quanto mais exceções nós tivermos, maior será o imposto e menos impacto a Reforma Tributária terá no desenvolvimento do País. É importante que os pilares sejam preservados, mas poderia ser melhor. Vamos tentar corrigir no Senado aquilo que a gente entende mais adequado e tomar cuidado com esse Imposto do Pecado, para que ele não taxe matérias-primas que acabem gerando efeitos de cumulatividade. De qualquer forma, eu diria que a indústria continua vendo a reforma com olhar positivo, mas muito atenta aos seus desdobramentos.

O governo tem falado em reindustrializar o País. Está no caminho certo?

Prefiro falar da indústria! É importante ter um ambiente legal, estável e previsível, com flexibilidade suficiente para permitir o crescimento e o uso eficiente do capital. Nesse sentido, é necessário combinar a política fiscal com a política monetária, de forma a criar um ambiente propício para investimentos sustentáveis. A indústria é fundamental para o desenvolvimento econômico, mas é >>

FOTOS: ROGERIO ALBUQUERQUE; CHARLES SHOLL/BRAZIL PHOTO PRESS/AFP

importante que ela cumpra os pré-requisitos necessários para se manter sustentável e atrativa para investimentos. Além disso, o custo do capital no Brasil ainda é alto, o que impacta negativamente nos investimentos. Reduzir os juros de forma abrupta pode não ser a solução, pois isso pode gerar consequências no longo prazo, como a inflação que já tivemos no passado. Para que o Brasil possa ter um custo de capital adequado para os investimentos, é importante trabalhar em um conjunto de medidas estruturais que estabeleçam taxas de juros civilizadas. Atualmente, estamos lidando com taxas reais próximas a 6,5% ou 7%, enquanto o País precisa ter no máximo 3% ao ano de juros reais para garantir um custo de capital adequado.

O ministro Vital do Rêgo, do TCU, afirmou que a desoneração da folha de pagamento deixou de cumprir com seus objetivos e o ministro Haddad diz que a proposta é inconstitucional, já que não conseguiu gerar tantos empregos quanto o esperado. Como o setor têxtil vê essa discussão?

Quando esse modelo foi criado, ficou estabelecido um Cofins sobre a importação dos bens dos setores que estavam recolhendo impostos pelo faturamento. Fala-se em desoneração, mas na verdade você paga pelo faturamento. O fato é que, posteriormente, ocorreram alterações nos percentuais. Enfim, esse é um assunto que começou a ser tratado no início de 2023, por volta de março, foi concluído no apagar das luzes de 2023. Ressuscitou antes do revéllion e estamos aí, com esse assunto tramitando pra lá e pra cá. Vem veto, volta para o Congresso e acaba no Supremo. Isso para mim chama-se insegurança jurídica, porque muitas pessoas trabalham e dependem dessa decisão para terem seus empregos garantidos. Nós somos favoráveis à medida acordada posteriormente com o ministro da Fazenda, ou seja, uma reoneração já a partir de 2025 por um sistema híbrido e que acabe em 2027. O próprio vice-presidente Geraldo Alckmin já disse que temos que tratar de melhorar a estrutura de custo do trabalho formal no Brasil para fortalecer a formalização. Concluindo: somos favoráveis à desoneração, ao acordo firmado com o Haddad e que depois foi aprovado pelo Congresso. Então, que acabemos com essa insegurança jurídica que nos incomoda tanto.

> "O próprio vice-presidente Geraldo Alckmin já falou que temos que tratar de melhorar a estrutura de custo do trabalho formal no Brasil para fortalecer a formalização"

FOTO: FABIO RODRIGUES-POZZEBOM/AGÊNCIA BRASIL

Qual é a necessidade da indústria para que o País avance em relação aos acordos globais?

Estamos em uma época bem diferente daquela em que os grandes acordos foram fechados. Agora, o Brasil precisa avançar na sua integração global e fazer acordos conforme seus interesses. Somos favoráveis à conclusão do acordo entre o Mercosul e a União Europeia, que é o acordo mais abrangente que poderíamos ter e que já vem sendo negociado há mais de 20 anos. É fácil? Não. Agora teve eleição do Parlamento Europeu, etc., mas o fato é que estamos com o Brasil em desvantagem, porque, fora o Mercosul e alguns poucos outros acordos, não temos nada que nos dê acesso a mercados mais desenvolvidos. Sem avanço em acordos com blocos maiores, ficamos restritos ao Mercosul, que tem países meio cíclicos, como nós. O ideal seria participar de cadeias de acordos com outros países que têm, por exemplo, o Canadá, os Estados Unidos e o México. Temos um potencial grande, mas pagamos tarifas maiores do que os Estados Unidos e a Europa. Enquanto isso, ficamos isolados aqui na América do Sul, ao mesmo passo em que países asiáticos atacam o mercado mundial com sua grande capacidade produtiva e com legislações e regulamentos diferentes dos nossos. Nossa capacidade ofensiva é reduzida devido ao alto custo do Brasil e às barreiras internas.

As catástrofes climáticas como as que aconteceram no Rio Grande do Sul interferem no setor têxtil?

Não é só mais uma crise climática. Na realidade, é uma crise humana. O clima reage às nossas ações. Mas, falando no setor industrial existe a agenda do meio ambiente, a agenda da descarbonização, dos produtos recicláveis. Quer dizer, nós temos oito pilares a serem trabalhados para contribuir um pouco com a mitigação dessa crise. Então, você tem a rastreabilidade, combate às mudanças climáticas com muita ênfase na questão da agenda da descarbonização, uso de matérias-primas cada vez mais renováveis, sustentáveis e recicláveis, dentro do que prevê a economia circular. Isso tudo é bonito no enunciado, mas muito difícil de fazer na prática. Tem a indústria 4.0, a tecnologia na lei para melhorar o ambiente de trabalho seguro, respeitoso e com salários dignos. Esses são oito pilares que têm norteado essa agenda. Temos possibilidades amplas de sermos atores relevantes e sermos uma referência nessa agenda. Enfim, não temos só uma bala de prata. ■

Carlos José Marques, *diretor editorial*

REBECA LAVA NOSSA ALMA!

Há anos, algumas décadas na verdade, o Brasil vem passando carente de heróis. No plano dos desportistas em especial, desde Ayrton Senna – como lembrou a própria Rebeca Andrade, nossa nova garota de ouro no podium – não surgiam nomes de peso a nos orgulhar. O País andava capenga nas competições, sem grandes estrelas para quem torcer ou exemplos a seguir, faltando referências inegáveis no plano global. No futebol, primamos mais pelas excentricidades de atletas com pendor marqueteiro e traços de deslumbramento com a vida de luxo, para além da exaltação do talento ou de qualquer outra coisa. Na edição parisiense da Olimpíada, Rebeca lavou a alma nacional, transbordou emoção e brios extraordinários. Mulher, negra, humilde, simpática e de uma precisão milimétrica, quase infalível, ela se tornou a maior medalhista olímpica do País. Não é pouca coisa. Sinaliza, dentre outros aspectos, o empoderamento feminino que, em terras francesas, teve também como destaque a conquista de outra excepcional brasileira, Beatriz Souza, a "Bia", judoca de ouro da modalidade. Rebeca à frente da consagração verde e amarela nos trouxe de volta o entusiasmo pela torcida genuína, reconfortante, patriótica no melhor sentido, fora do oportunismo tacanho de certos políticos rasteiros. Rebeca é hoje o retrato mais bem-acabado da representatividade brasileira, e garantiu seu lugar na história. Com a bandeira tremulando às costas, foi reverenciada de joelhos por outras duas deusas da modalidade. Simone Biles, a americana que nunca erra, chegou a admitir que não aguentava mais disputar espaço com Rebeca, tê-la como rival a bater. E dessa vez, ela, Biles, tida como alguém de outro planeta, piscou ante o esplendor da apresentação de Rebeca. Para a glória e felicidade dos brasileiros que lançavam todas as suas fichas e orações sobre a nossa garota prodígio dos trópicos. Ela não decepciona. De uma frieza típica dos atletas fenomenais, levou aos píncaros da sagração a ginástica brasileira. Depois de um injusto quarto lugar nas traves, por decisão controversa dos árbitros, ela deu o troco e em alto nível mostrou a que veio. Cravava sua sexta medalha no peito, a segunda de ouro. Nenhum outro brasileiro jamais havia logrado esse feito. Nascida na periferia de São Paulo, em Guarulhos, Rebeca trouxe consigo, desde sempre, a marca da superação. E é por isso que seu legado, acima de tudo, pode ser traduzido pela esperança e garra de um povo que não desiste. Retrato síntese de nossa sociedade, ainda figura como exceção à regra por tudo que conseguiu. Obstinada, provou que o talento merece oportunidades. Eis a palavra-chave, em todas as áreas de atividades: oportunidade. Tem de ir além do estímulo pontual e eventual. Rebeca demonstra cabalmente que é preciso dar chances à nossa juventude. O retorno pode ser multiplicado por milhares de meninas e meninos "Rebeca" – uma expressão, digamos, que pode a partir de agora virar neologismo como sinônimo de determinação. O investimento em seu nome (e não foi muito) gerou inúmeras conquistas para além de resultados na quadra, também no campo social, afetando de maneira profunda a trajetória de outros aspirantes que nela se espelham. Criada por mãe solo, a multicampeã é de uma família com outros seis irmãos. Começou a treinar em um projeto social, levada por uma tia funcionária pública, seguindo na garupa da bicicleta do irmão ou a pé ao lado dele. O pai saiu de casa e sua mãe sustentou a todos como servidora doméstica. O triunfo de Rebeca, dentro de uma trajetória de sacrifícios como a de milhões de seus conterrâneos, exprime uma mensagem de luta por ideal que inspira, cria ânimo, transcende o próprio feito, gera sensação de pertencimento, orgulho de nascer e viver na mesma terra que ela, de vestir a mesma camisa e empunhar a mesma bandeira. O Estado brasileiro, com seu programa Bolsa Atleta, ainda é uma gota d'água no oceano para mudar rumos. É preciso, de maneira vital, o engajamento cada vez maior da iniciativa privada nesse processo — sem o qual o Brasil viverá de casos isolados como o de Rebeca. Que não apenas patrocínio, mas apoio à educação e à formação de todas as gerações vire padrão em busca de justiça social nesse País rotineiramente desigual. Ao cantar o Hino Nacional a plenos pulmões, Rebeca deu a sua mostra de patriotismo no mais puro sentido do sentimento. Inscreveu seu nome no Olimpo do esporte, alcançou o topo, o apogeu da glória. Que sua arrebatadora demonstração de que é possível chegar lá tome o coração e espírito de cada um de nós. ■

FOTO: RODOLFO BUHRER/AGIF/AFP

INÊS 249

Sumário

Nº 2844 – 14 de agosto de 2024

ISTOE.COM.BR

22

BRASIL O ministro do STF Flávio Dino (foto) determina que haja transparência – uma das expressões que nossos congressistas não cultuam – sobre as emendas parlamentares protegidas por sigilo entre 2020 e 2024. Ele confirma, assim, sua vontade de interferir na política

34

CAPA Rebeca Andrade e a judoca Bia Souza, ouros para o Brasil na Olimpíada, e demais competidores brasileiros são exemplos de determinação e força de vontade. A ginasta subiu quatro vezes ao pódio em Paris, somou seis medalhas em Jogos e firmou-se como maior atleta olímpica da História do País. As duas são exemplos de superação de adversidades e falta de recursos

58

INTERNACIONAL Como e por qual motivo o Chile está se tornando parceiro do Brasil em áreas vitais para os dois países – o turismo e o ensino. O Chile volta a ser, assim, o lugar que um dia já encantou culturalmente os brasileiros, mostra o enviado de **ISTOÉ**, Felipe Machado

60

CULTURA Os diários de Albert Einstein em sua viagem ao País revelam a autenticidade com que ele narra as suas reflexões, descobertas intelectuais, decepções e alegria no dia a dia. A viagem o ajudou também a encerrar um caso amoroso com sua secretária

FOTO CAPA: GABRIEL BOUYS/AFP
FOTOS EDITORIAIS: JAMIE SQUIRE/GETTY IMAGES EUROPE/GETTY IMAGES/AFP; FEDERICO PESTELLINI/PANORAMIC/DPPI/AFP; MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL; CORTESIA DO INSTITUTO LEO BAECK, NEW YORK

INÊS 249

16 DE AGOSTO

RIO DE JANEIRO
HOTEL FAIRMONT COPACABANA

CONFERENCISTAS CONFIRMADOS:

CLAUDIO CASTRO
GOVERNADOR DO ESTADO
DO RIO DE JANEIRO

RONALDO CAIADO
GOVERNADOR DO ESTADO
DE GOIÁS

HELDER BARBALHO
GOVERNADOR DO ESTADO
DO PARÁ

EDUARDO RIEDEL
GOVERNO DO ESTADO
DO MATO GROSSO DO SUL

RENATO CASAGRANDE
GOVERNADOR DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO

MAURO MENDES
GOVERNADOR DO ESTADO DO
MATO GROSSO

WILSON LIMA
GOVERNADOR DO ESTADO
DO AMAZONAS

GLADSON CAMELI
GOVERNADOR DO ESTADO
DO ACRE

FELÍCIO RAMUTH
VICE-GOVERNADOR DO ESTADO
DE SÃO PAULO

EDUARDO PAES
PREFEITO DA CIDADE
DO RIO DE JANEIRO

DIAS TOFFOLI
MINISTRO DO SUPREMO TRIBUNAL
FEDERAL-STF

LUIZ FUX
MINISTRO DO SUPREMO TRIBUNAL
FEDERAL-STF

AYRES BRITTO
PRESIDENTE DO SUPREMO TRIBUNAL
FEDERAL-STF (2012-2014)

RAUL JUNGMANN
PRESIDENTE DO IBRAM
MINISTRO DA DEFESA (2016-2018)

ANDRÉ ESTEVES
SÓCIO-FUNDADOR DO BANCO
BTG PACTUAL

FÁBIO ARAÚJO
DIRETOR DE TECNOLOGIA DO
BANCO CENTRAL DO BRASIL

CAROLINA SANSÃO
DIRETORA DE TECNOLOGIA
DA FEBRABAN

NICOLA MICCIONE
SECRETÁRIO-CHEFE DA CASA CIVIL
DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

LEONARDO LOBO
SECRETÁRIO DA FAZENDA DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO

EDUARDO EUGENIO GOUVÊA VIEIRA
PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO DAS
INDÚSTRIAS DO ESTADO DO
RIO DE JANEIRO – FIRJAN

CAIO MEGALE
ECONOMISTA-CHEFE DA
XP INVESTIMENTOS
SECRETÁRIO DO TESOURO
NACIONAL (2019-2020)

MAURÍCIO QUADRADO
PRESIDENTE DO BANCO MASTER
DE INVESTIMENTO

PATRÍCIA ELLEN
CEO DA AYA
SECRETÁRIA DE DESENVOLV. ECONÔMICO
DO ESTADO DE SÃO PAULO (2019-2022)

PATRICK BURNETT
FUNDADOR E CEO DA
INOVETECH

INÊS 249

por Antonio Carlos Prado

Diretor de Edição de ISTOÉ

A TURMA DA TUNGA

A Câmara dos Deputados, em Brasília, conta com quinhentos e treze parlamentares eleitos constitucionalmente pelo povo para, também constitucionalmente, cuidarem dos interesses desse mesmo povo e garantir que direitos sejam respeitados. Eles, os quinhentos e treze deputados federais, estão investidos de legítimos mandatos a partir de eleições que se realizam com periodicidade, por meio de voto secreto e sufrágio universal, conforme estabelece a legislação. Já sabíamos que talvez seja um número excessivo, uma vez que tais mandatos, não para todos, mas para muitos deles, se traduzem em pensar vinte e quatro horas no próprio umbigo. Em uma clara e direta linguagem, é aquela coisa: a gente já sabia, mas custa a acreditar quando a quadra é tão dolosa, absurda e acintosa. Agora já não tem mais como não crer: somente pouco menos de vinte por cento do colegiado de deputados federais votaram contrariamente à Proposta de Emenda à Constituição que livra os partidos políticos, institutos e fundações de ressarcirem a União com as quantias do fundo eleitoral desviadas nas últimas eleições e também não investidas nas cotas raciais que a lei manda existir no leque de candidatos.

Sequer coraram nossos oitenta por cento de deputados federais quando anistiaram a si próprios. Em uma linguagem mais irônica, sequer coraram quando votaram na linha do devo, não nego, posso pagar, mas não pagarei. A anistia aterrorizante deu-se à direita, à esquerda e ao centro. Tirante os vinte por cento já citados acima, todos se uniram, sem ideologias e princípios éticos, para perdoarem suas próprias falcatruas. Julgaram a si mesmos e inocentaram a si mesmos, ainda sabendo que têm culpa. Será que nos vídeos das próximas campanhas eleitorais os deputados candidatos à reeleição incluirão as imagens em que oficializam o calote no Brasil?

A leitora e o leitor que estão suando de tanto trabalhar para pagar, por exemplo, o hospital do filho doente ou a mensalidade para o filho em idade escolar, escolhem a expressão para os deputados que inocentaram a si próprios: opróbrio! Ignomínia! Torpeza! Cabe, aqui, lembrar palavras de Ruy Barbosa em *Oração aos Moços*: “de tanto ver triunfar as nulidades, de tanto ver prosperar a desonra, de tanto ver crescer a injustiça, de tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desanimar das virtudes, a rir-se da honra, a ter vergonha de ser honesto”.

Talvez tenhamos, nesse momento, encontrado a expressão mais adequada, a expressão que melhor veste o figurino, a expressão que melhor traduz os deputados que anistiaram a si: o contrário de honesto: desonestidade. Isso: desonestidade comigo, com as senhoras e os senhores, com a República!

por Lia Calder e Thais Françoso

Comunicóloga e

NÃO SE FURTE

Divulgado no mês de julho, o 18º Anuário Brasileiro de Segurança Pública escancarou a aviltante realidade da violência contra mulheres e meninas: todos os indicadores que já eram alarmantes apresentaram piora. Os crimes, como já era sabido, possuem como principais vítimas as negras (67% das mortas por feminicídio) e meninas de até 13 anos (66% das pessoas do gênero feminino estupradas a cada 6 minutos).

Ainda que este aumento possa ter justificativa na subnotificação ou que seja fruto de importantes campanhas de conscientização e proteção de vítimas, não restam dúvidas que estamos diante de uma sociedade que tem no gênero feminino um alvo.

O ambiente corporativo não está alheio a esta realidade. Vemos diariamente notícias estarrecedoras de assédio e abusos dentro de organizações públicas e privadas cujos lugares de poder são majoritariamente masculinos e com diferenças salariais gritantes entre gêneros e raças.

Como resposta a esse cenário, o Brasil tem promulgado normas que exigem das empresas a implementação de medidas de prevenção a estas anomalias.

A consultoria GPTW aponta recuo na priorização de programas de D&I frente a outras pautas organizacionais

diretora da 4CO; Advogada e professora do Insper

Na contramão, acompanhamos o arrefecimento dos investimentos em programas de diversidade e inclusão (D&I) nas organizações, puxado pela tendência de empresas estadunidenses frente ao movimento anti-woke que contesta ações para a redução de desigualdades. A consultoria GPTW, por exemplo, aponta um recuo na priorização de D&I frente a outras pautas organizacionais.

Sob a perspectiva de gênero, esta tendência desencadeará no aumento das violências e desigualdades entre homens e mulheres. Isso porque promover o ingresso e permanência de mulheres e outros grupos minorizados nos ambientes laborais passa por importantes processos pedagógicos e culturais que impactam positivamente não apenas no ambiente laboral, mas também na comunidade. Furtar-se dessa função social é normalizar aqueles estarrecedores indicadores e quebrar o compromisso constitucional com a igualdade de gênero que, ao fomentar a conscientização, autonomia e independência financeira de mulheres, pode apoiar a redução dos dados de violência.

O entendimento sobre o importante papel das organizações no combate à violência de gênero inaugura nossa coluna na **ISTOÉ** — convite pelo qual estamos honradas. Cientes de nossos privilégios, aliadas de grupos minorizados e estudiosas de aspectos de desigualdades, estaremos quinzenalmente neste espaço para dividir reflexões que podem ajudar a desnaturalizar as opressões de gênero a partir de nossa experiência profissional nos campos legal e de cultura organizacional.

por Ricardo Guedes

Ph.D. em Ciências Políticas

O PIB NO MUNDO

O World Bank divulgou recentemente o PIB de 2023 para os países.

Em 2020, com a COVID, o PIB mundial caiu de US$ 88 trilhões para US$ 86 trilhões, subindo para US$ 98 trilhões em 2021; US$ 101 trilhões em 2022, durante a Guerra da Ucrânia; US$ 105 trilhões em 2023, com a Guerra Israel-Hamas.

Os PIBs dos quatro principais players do mundo assim se desenvolveram. O PIB dos Estados Unidos caiu -1% em 2020 com a COVID; +11% em 2021; +9% em 2022 na Guerra da Ucrânia; +7% em 2023 com o início da Guerra Israel-Hamas, PIB hoje em US$ 27,4 trilhões. O PIB da União Europeia caiu -2% em 2020; +12% em 2021; -3% em 2022 na Guerra da Ucrânia; +10% em 2023, com a Guerra Israel-Hamas, PIB hoje em US$ 18,4 trilhões. A Rússia, -12% em 2020, +20% em 2021, +28% em 2022 com a Guerra da Ucrânia, na substituição de investimentos estrangeiros e indústria militar, -13% em 2023 na continuidade da guerra, PIB hoje em US$ 2,0 trilhões. A China, +3% em 2020, com crescimento durante a COVID, +21% em 2021, +1% em 2022, -1% em 2023, com a crise imobiliária e menor investimento em infraestrutura e urbanização, PIB hoje em US$ 17,8 trilhões. A China, entretanto, apresentava em 2021 60% de urbanização, contra 83% nos Estados Unidos, 75% na Europa. Após os respectivos ajustes, a China voltará a crescer no processo de urbanização.

A Ucrânia, com PIB de US$ 200 bilhões em 2021, caiu -38% para US$ 160 bilhões no primeiro ano de guerra em 2022; recuperando +10%, US$ 179 trilhões em 2023, após melhor organização e auxílio estrangeiro.

Nas três maiores economias da Europa, de 2022 a 2023 o PIB da Alemanha aumentou +10%, França +7%, Inglaterra + 6%.

Na Ásia, de 2022 para 2023, o PIB da China caiu -1%, Japão -2%, Índia +6%.

No Oriente Médio e Norte da África, de 2022 a 2023 o PIB de Israel caiu -3%, Iran -3%, Arabia Saudita -4%, Egito -17%, com prejuízos à região devido à guerra Israel-Hamas. A Síria, com PIB de US$ 68 bilhões em 2011, caiu -18% de 2022 a 2023, PIB hoje em US$ 9 bilhões. O Líbano, com PIB de US$ 55 bilhões em 2011, caiu -15% de 2022 a 2023, PIB hoje em US$ 18 bilhões. A guerra dilacera a região.

Na América Latina, de 2022 a 2023 o PIB do Brasil aumentou de US$ 1,95 trilhão para US$ 2,17 trilhões, após estagnação no Governo Bolsonaro; México +20%; Argentina +2%. No Brasil, Lula iniciou o governo com o dólar a R$ 5,22 no final de 2022, R$ 4,84 no final de 2023. Se o dólar em 2024 fechar acima de R$ 5,30, o crescimento no período Lula poderá ser zerado em dólares correntes.

Na África Subsaariana, de 2022 a 2023, o PIB da África do Sul caiu -7%, Angola -18%, Nigéria -23%.

O mundo teve um baque na COVID, prosperando nos anos seguintes, com prejuízos para a Ucrânia e o Oriente Médio.

Frases

por Antonio Carlos Prado

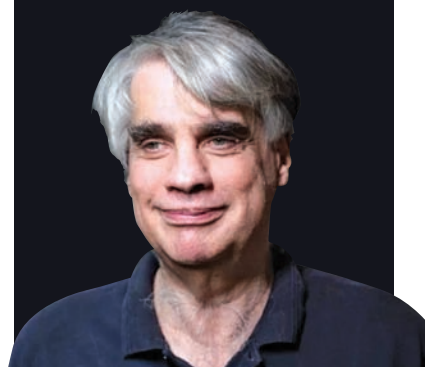
“MACHADO DE ASSIS É O QUE DE MAIS FINO O BRASIL POSSUI”

FERNANDA TORRES, atriz, escritora e roteirista

“É TRANSGRESSOR NÃO TER FEITO INTERVENÇÕES ESTÉTICAS. NÃO MEXI NO MEU ROSTO”

IRENE RAVACHE , atriz, com 79 anos de idade

“ALEM DE ESTAR DIANTE DO METAFÓRICO, O TEATRO PERMITE O RECONHECIMENTO DE EMOÇÕES REPRIMIDAS, O QUE É COMUM EM CONSULTÓRIOS DE PSICANALISTAS. EM TEATRO, NEM SEMPRE AS COISAS SE RESOLVEM”

EDUARDO TOLENTINO DE ARAÚJO, diretor teatral

“Seu discurso existencial assusta tanto que ainda estamos longe de sua completa realização existencial”

FERNANDA MONTENEGRO, atriz, sobre a filósofa Simone de Beauvoir, em entrevista ao jornal *O Estado de S. Paulo*

“Foi roubada a oportunidade de me amar, me respeitar, sair do armário e dizer ‘sou eu, isso é o que eu sou’”

CHRISTIAN CHÁVEZ, cantor mexicano, sobre a homofobia que já sofreu

“Quando a bossa nova ficou famosa, aí começaram a me ignorar. Agora é que está vindo o reconhecimento. Já não esperava mais que isso acontecesse”

ALAÍDE COSTA, cantora e compositora

“Correr te dá amigos, vigor e criatividade. Já corri até chorando”

ZÉLIA DUNCAN, cantora e compositora

“TENHO DOIS FILHOS E, QUANDO VOU A UM RESTAURANTE, FICO PENSANDO EM LIMPAR. SE DERRUBAM ALGO NO CHÃO, PENSO EM COMO TRABALHAM DURO ALI”

ABBY ELLIOTT, atriz

“QUEREMOS TRANSMITIR AOS JOVENS UM ESPETÁCULO SOBRE A BURRICE DA GUERRA, A ESTUPIDEZ DO TOTALITARISMO”

CHARLES MÖELLER, diretor, que está produzindo a sua terceira montagem de *A Noviça Rebelde*

FOTOS: REPRODUÇÃO. REPRODUÇÃO INSTAGRAM: @OFICIALFERNANDATORRES; @IRENERAVACHEOFICIAL; @CHRISTIANCHAVEZREAL; @ZELIADUNCAN; @LILCUTIEFOREVER; @CHARLESMOELLER

INÊS 249

por Germano Oliveira

Colaboraram Vasconcelo Quadros e Mirela Luiz

Brasil Confidencial

PODEROSA Janja da Silva não tem cargo, mas dá as cartas no governo

A obstinada Janja

Janja Lula da Silva é uma das primeiras-damas com mais poder no governo desde a redemocratização. Ela não tem ministério e nem cargo no governo, mas manda muito, desde o setor de publicidade, à medidas econômicas na Fazenda. Não tem medo de se expor. Antes dela, tivemos como destaque na função Ruth Cardoso, que era brilhante no setor da Educação. Marisa Letícia, nos governos Lula I e II, era low profile. Depois, veio Marcela Temer, que evitava aparecer e, em seguida, surgiu Michelle Bolsonaro, que tentava ganhar espaço com seu poder junto aos evangélicos. Mas Janja mostra-se preparada para representar Lula, inclusive internacionalmente, como aconteceu na visita à França, onde foi recebida pelo casal **Emmanuel** e **Brigitte Macron**, na abertura dos jogos olímpicos de Paris.

Pitacos

No governo, Janja participa de todos os eventos ao lado de Lula, inclusive pedindo para o presidente evitar falar de improviso. Afinal, o mandatário costuma se enrolar sempre que fala sem ler o que está escrito. Isso aconteceu na semana passada quando disse que mulher sem profissão fica dependente e tem tudo para ser agredida pelo marido.

Política

Mas a primeira-dama tenta ajudar o presidente também no campo político-eleitoral. O PT conta com ela para estimular as candidaturas de mulheres às prefeituras das cinco principais capitais. Em Porto Alegre, ela vai subir no palanque de Maria do Rosário. Janja impulsionará candidaturas femininas também em Goiânia, Campo Grande, Natal e Aracajú.

Paes vira a mesa no Rio

Após analisar o quadro para 2026, o prefeito Eduardo Paes mudou de ideia quanto ao vice na chapa para a reeleição. Ele será Eduardo Cavaliere, ao invés de Pedro Paulo. É que Paes pretende ser candidato a governador em 2026 e terá que entregar a prefeitura ao vice. Acha mais fácil deixar Cavaliere no cargo do que Pedro Paulo, que poderá ser o coordenador da sua campanha ao Palácio da Guanabara.

RÁPIDAS

* A Saúde foi um dos setores mais atingidos pelo congelamento de R$ 15 bi em gastos do Orçamento para este ano: a pasta sofreu bloqueio de R$ 4,4 bi. O PAC, menina dos olhos de Lula, foi outro programa afetado: o bloqueio foi de R$ 4,5 bi nas obras previstas para este ano.

*** Mas nem tudo está ruim. A taxa de desemprego ficou em 6,9% no segundo trimestre deste ano. Assim, o Brasil retorna ao patamar do desemprego de junho de 2014. No primeiro trimestre deste ano, a taxa era de 7,9%.**

* O deputado Kim Kataguiri desistiu de ser candidato a prefeito de SP, dizendo que foi sabotado por dirigentes de seu partido (União Brasil). Ele cita nominalmente o vereador Milton Leite. Agora, ele vai apoiar o prefeito Nunes.

*** Thomas Covas, filho do ex-prefeito Bruno Covas, rompeu com o PSDB, ao qual é filiado, e está apoiando a reeleição de Nunes. Os tucanos lançaram o apresentador José Luiz Datena e pensam expulsá-lo do partido.**

FOTOS: XOSE BOUZAS/HANS LUCAS/AFP; REPRODUÇÃO/INSTAGRAM; SUAMY BEYDOUNAGIF/AFP; CÂMARA DOS DEPUTADOS; MATEUS BONOMI/AGIF/AFP; FELIPE MARQUES/ZIMEL PRESS/AGÊNCIA O GLOBO

INÊS 249

RETRATO FALADO

"Campos Neto politiza quando aceita ser homenageado por adversários do governo"

*O presidente da Fiesp, **Josué Gomes da Silva**, disse que o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, politiza a questão dos juros quando aceita homenagens dos governadores Tarcísio de Freitas e Romeu Zema, adversários do governo. O empresário diz que Lula também politiza a política monetária ao atacar publicamente o presidente do BC. Filho de José Alencar, ex-vice-presidente nos governos Lula I e II, Josué acha que está faltando "um José Alencar ao lado de Lula".*

TOMA LÁ DÁ CÁ

RODRIGO VALADARES, DEPUTADO DO UNIÃO BRASIL DE SERGIPE

Como está vendo a regulamentação da Reforma Tributária. Alguns lobbies conseguiram emplacar produtos com isenção tarifária.
O governo colocou sua demanda de arrecadação como objetivo, fazendo o Brasil ter o maior IVA do mundo.

O que acha de se manter a compra de armas com impostos mais baixos?
Pessoalmente, sou favorável. O cidadão consegue ter acesso mais barato a um bem que pode garantir a defesa pessoal e de seu patrimônio.

O sr. diz que enquanto o governo trabalha para aumentar impostos, a oposição luta para diminuir encargos tributários.
Estudamos diversos meios para promover uma redução real de impostos no bolso do cidadão. O brasileiro não pode sustentar um Estado inchado e paquidérmico.

Juros extorsivos

O Brasil alcançou a terceira posição no ranking global de juros reais, com a Selic mantida em 10,5% pelo Comitê de Política Monetária. O País, que fica atrás apenas da Turquia e da Rússia, integra uma lista que abrange 40 economias. Após um primeiro semestre de alívio, o cenário econômico para o consumidor também deve se complicar. Com a paralisação no ciclo de queda de juros, economistas preveem uma desaceleração nas concessões de crédito. Ao justificar porque decidiu manter os juros estabilizados, o Copom adotou um tom mais duro. Disse que é preciso ter uma vigilância maior, destacando que os mercados doméstico e internacional recomendam uma cautela maior.

Menor consumo

A estabilização da taxa de juros poderá resultar em um ritmo de crescimento mais lento na oferta de crédito, reduzindo a demanda. Apesar do mercado de trabalho surpreender positivamente com a geração de empregos e aumento da renda, a pressão inflacionária e o crédito mais restrito podem limitar o consumo.

A fila anda

Cláudio Castro é o sétimo governador do Rio de Janeiro que pode entrar na fila dos mandatários do governo estadual a pararem atrás das grades. É que ele acaba de ser indiciado pela Polícia Federal por corrupção e peculato e o relatório dos policiais sugere que ele seja afastado do cargo. A decisão está nas mãos do Superior Tribunal de Justiça.

Outros presos

Nos últimos quatro anos, seis governadores fluminenses já foram presos por corrupção. O mais recente foi Wilson Witzel, mas tem outros famosos, como Sérgio Cabral, Luiz Fernando Pezão, Anthony Garotinho, sua mulher Rosinha, e Moreira Franco. Sérgio Cabral foi solto recentemente, a Justiça anulou três condenações e ele quer disputar eleições em 2026.

Festa bolsonarista

Jair Bolsonaro foi a estrela principal da convenção do prefeito Ricardo Nunes, candidato à reeleição e que tem como vice na chapa o coronel Melo Araújo. Além do ex-presidente, o palanque contou com a presença do governador Tarcísio de Freitas, revelando que a campanha do prefeito será usada pelos bolsonaristas para atacar os petistas, que apoiam Guilherme Boulos.

Coluna do Mazzini

DUPLA SUSPEITA AFRONTA ANP

A família enrolada da Copape, alvo da Justiça por suspeita de ligação com o PCC e da Agência Nacional de Petróleo, continua a inventar situações cadastrais e contábeis para tentar se manter no mercado com seus produtos de má qualidade. A Polícia e o Ministério Público descobriram que Himad Abdallah Mourad, sócio do Grupo GGX – um braço da Copape – conseguiu licença da "distraída" Secretaria de Fazenda de São Paulo para abrir posto de combustível. O Auto Posto General de Piedade é apenas uma empresa do grupo que confronta o mercado legal. Outra novidade é que o posto será a vazão para nova tentativa de licença que está nas mesas da ANP: a autorização para a formuladora GT, do mesmo Himad, fabricar combustível de qualidade duvidosa. Tanto a Copape quanto a GT e a GGX estão sob as mãos de Himad Mourad e um irmão, Mohamad Hussein Mourad. A dupla está na mira das autoridades por suspeita de lavagem de dinheiro da facção na Copape. E esperam a ANP dar o aval para a operação continuar na GT.

Irmãos donos da Copape e GT Formuladora, alvos da Justiça e da Agência de Petróleo, continuam a criar empresas para afrontar o mercado legal

Incra-PI conivente com grilagem

Mesmo após três decisões judiciais, um engenheiro agrônomo insiste no que pode ser considerado fraude no Incra do Piauí. A grilagem digital no Estado tem causado transtornos aos proprietários rurais. O técnico Salviano de Souza Filho usou seu registro no CREA para alterar ilegalmente georreferenciamento da Fazenda Coohabex no sistema do Incra-PI, utilizando documentos falsos, segundo a Justiça. Mesmo com as sentenças, ele reluta em corrigir, beneficiando a empresária Karina Carvalho de Almendra Freitas Mendes. Salviano já recebeu seis advertências desde 2020, mas mantém sua carteira ativa. O Incra do Estado finge que não vê nada.

Jogada de Ratinho

Não vão bem as relações do senador Sergio Moro (União-PR) e o governador do Paraná, Ratinho Jr (PSD). Antes das convenções partidárias no Estado, Ratinho procurou pessoalmente candidatos do União Brasil, partido de Moro – em especial os candidatos a vice em chapas municipais –, e os conquistou para suas chapas. Isso abalou a confiança de Moro.

BB turbina vôlei, mas saque sai fraco

Se há uma entidade que leva muito dinheiro de verba oficial do País, é a Confederação Brasileira de Vôlei. Mas, pelo visto nos Jogos de Paris – da quadra à areia – a modalidade deixou a desejar. São mais de R$ 200 milhões do BB na CBV no quadriênio. Agora, o BB confirma que vai renovar por R$ 62 milhões/ano o patrocínio – saltando para R$ 240 milhões o "investimento olímpico". Já a Caixa, mais moderada, paga R$ 56 milhões no ciclo (4 anos) para a Confederação Brasileira de Atletismo e outros R$ 30 milhões para a Confederação de Ginástica. No comitê paralímpico, a Caixa investe R$ 84,4 milhões, no ciclo.

FOTOS: RAFA NEDDERMEYER/AGÊNCIA BRASIL; NATALIA KOLESNIKOVA/AFP; MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

por Leandro Mazzini

Com equipes: DF, SP e RJ

Cenário eleitoral favorece Renan

Um dos caciques do Nordeste, em briga pelo controle do Poder em Alagoas contra o deputado Arthur Lira (PP), o senador Renan Calheiros (MDB) tem motivos para sorrir. Pesquisas mostram que, dos 102 municípios do Estado, aliados dos Calheiros vencem na maioria, inclusive em Arapiraca, a 2ª maior cidade de Alagoas. Candidato ao Senado em 2026, novamente, Renan vai manter o apadrinhado Paulo Dantas no páreo para o Governo, mas não descarta trocá-lo pelo filho senador Renanzinho, hoje ministro dos Transportes, e "trazer" Dantas para a chapa. Como são duas vagas, a sorte está lançada.

Futuro ministro com porta fechada

Estão adiantadas entre caciques de partidos e o presidente Lula da Silva as conversas sobre mudanças no inquilinato de parte da Esplanada. Dezenas de nomes estão às mesas — muitos congressistas. Porém o Barba já cravou uma decisão: o ministro escolhido fará seu secretário-executivo.

A Carta das Mulheres

O diretor-geral da PF, Andrei Rodrigues, orientou as superintendências a darem atenção às mulheres na corporação — agentes, escrivãs, delegadas. Grupo delas realizou o 1º Encontro Nacional de Mulheres da PF e entregou a ele uma carta com 12 pontos com demandas. Entre elas, uma política contra assédios moral e sexual na corporação.

Correios aposta certo

Com o menor patrocínio de estatais para esporte olímpico, os Correios podem comemorar que o investimento valeu à pena. Rebeca Andrade e equipe trazem de Paris semana que vem quatro medalhas. Os Correios investem R$ 4,5 milhões por ano na Confederação Brasileira de Ginástica. Mixaria perto das centenas de milhões do BB e Caixa.

NOS BASTIDORES

Ainda não é a hora

O senador Ângelo Coronel (PSD-BA) não quer confusão e pés na porta do seu gabinete. Já avisou que vai entregar o relatório do Orçamento de 2025 só depois das eleições.

Urnas fizeram falta

O ditador venezuelano Nicolás Maduro nem pensou em pedir as urnas eletrônicas do Brasil para usar num processo isento e transparente no país. Tampouco o TSE as ofereceu para a eleição na Venezuela.

Durmam tranquilos...

Os senadores Tereza Cristina (PL-MS) e Ciro Nogueira (PP-PI) convidaram a dupla Mauro Vieira-Celso Amorim a explicar a posição do Brasil com a Venezuela. Mas o presidente da Comissão de Relações Exteriores, Renan Calheiros, não chamará.

Medalhas do COB

Houve polêmica sobre os prêmios em dinheiro do COB para os atletas medalhistas. Houve confusão com a Lei 11.488/07 que isenta as medalhas de taxas. Mas há incidência sobre valores pagos como prêmio.

A opinião do colunista não necessariamente reflete a posição da revista

INÊS 249

Semana

por Antonio Carlos Prado

INTERNACIONAL

A maior troca de presos políticos desde a Guerra Fria

Planejada sob sigilo, à medida que grandes mobilizações permitem a discrição, foi concluída na terça-feira 6 a maior troca de presos políticos já feita no mundo desde a **Guerra Fria (confronto ideológico, político, econômico e por vezes militar datado pelos historiadores entre 1962 e 1979)**. A operação de troca de detidos envolveu sete países (Russia, EUA, Eslovênia, Alemanha, Noruega, Polônia e Belarus) e vinte e seis pessoas foram libertadas. Por um lado, seis dessas nações colocaram em liberdade de dez russos. A Rússia, por sua vez, soltou dezesseis cidadãos dos países citados. As atenções se voltaram, sobretudo, ao jornalista norte-americano Evan Gershkovitch, do *The Wall Street Journal*, condenado a dezesseis anos de prisão sob a acusação de espionagem sem o Kremlin apresentar uma única prova. **O mediador de toda a operação, que, vale lembrar, cultua o megalômano plano de mediar todos os conflitos da Terra, foi o presidente da Turquia, Recep Tayyip Erdogan.** "Algumas dessas pessoas foram detidas injustamente durante anos. Suportaram sofrimentos inimagináveis. Agora a agonia acabou", declarou o presidente dos EUA, Joe Biden.

ASAS DA LIBERDADE Avião com presos libertados pela Rússia: o jornalista do *The Wall Street Journal* Evan Gershkovitch (à esq., em primeiro plano) recebeu um papel para redigir pedido de clemência a Vladimir Putin. Ele o desafiou escrevendo se tinha coragem de dar-lhe uma entrevista

SOCIEDADE

A grande onda romântica na literatura e nos leitores dos EUA

SUCESSO Livraria Ripped Bodice: pioneirismo

Nada de ficção científica, nada de política e economia, nada de programas espaciais, nada de violência. O gênero de literatura mais consumido atualmente nos EUA é romance de amor – meloso ou trágico, não importa, desde que seja muito romântico. Em números: cada grupo de dez autores mais vendidos esse ano no país tem pelo menos seis que assinam histórias de amor. Há algumas eróticas, pornográficas até, mas perdem de longe para as obras nas quais os personagens chegam a ser tal *Romeu e Julieta*. É explicável que esteja havendo, em decorrência desse fenômeno, uma readequação do mercado editorial. E também novas livrarias especializadas começam a abrir as portas, inspiradas na mais antiga delas: a The Ripped Bodice, pioneira na venda de livros somente de amor, surgida na Califórnia e hoje com filial em Nova York. Com somente quatro meses de funcionamento, igual sucesso faz o negócio de Mae Tinstrom, proprietária da recém-inaugurada livraria Smitten, em Los Angeles. Livreiros fazem a festa do romantismo norte-americano.

FOTOS: GOVERNO DOS EUA/AFP; REPRODUÇÃO REDES SOCIAIS

INÊS 249

EUA

O mistério do urso no Central Park

O candidato à Presidência dos EUA Robert F. Kennedy Jr. (5,7% de intenções de voto) ***tem o máximo de linhagem política e o mínimo de coisas úteis na cabeça*** *— a causa desses dois aspectos díspares é o seu temperamento, no mínimo, excêntrico. Ele é filho do ex-senador Robert Kennedy (assassinado) e sobrinho do ex-presidente John Kennedy (assassinado). Sabendo que a revista* **The New Yorker** ***(uma das mais conceituadas em todo o mundo, que já teve Hannah Arendt em seu quadro de colaboradoras)*** *está preparando uma reportagem sobre as suas idiossincrasias, Kennedu Jr. decidiu contar, por conta própria, um escabroso episódio no qual se envolveu em 2014. E admitiu pela primeira vez: foi ele quem colocou em pleno Central Park o corpo de um filhote de urso, morto numa estrada – mistério que até hoje assombrava os norte-americanos.* ***No primeiro momento, ele pensou em levar o corpo para casa e deixá-lo na geladeira. Depois, achou melhor abandoná-lo no Central Park, apavorando Manhattan****. Antes disso, Kennedy Jr. posou para foto com o urso no porta-malas de seu carro, e ele com uma das mãos na boca do animal.* ***"Acho que foi assim que peguei o verme que comeu parte do meu cérebro"****, disse o candidato.*

CANDIDATO ?! Kennedy Jr. e o urso morto: exibicionismo

O VICE DE KAMALA
Walz: "estou dentro"

MAIS EUA: *A candidata do Partido Democrata à Presidência do país, Kamala Harris, anunciou o seu vice. É Tim Walz, o progressista governador de Minnesota. "Tenho orgulho em anunciar Tim Walz", declarou ela. A resposta de Walz, um defensor da classe média, veio voando: "estou dentro". O ex-presidente Barack Obama aplaudiu a decisão de kamala.*

FOTOS: REPRODUÇÃO; ANDREW HARNIK/GETTY IMAGES NORTH AMERICA/GETTY IMAGES/AFP

FUNDADOR
DOMINGO ALZUGARAY (1932-2017)
EDITORA
Catia Alzugaray
PRESIDENTE EXECUTIVO
Caco Alzugaray

DIRETOR EDITORIAL
Carlos José Marques

DIRETORES
DE REDAÇÃO: Germano Oliveira **DE EDIÇÃO:** Antonio Carlos Prado
REDATOR-CHEFE: Eduardo Marini
EDITOR-EXECUTIVO: Felipe Machado

EDITORES
Luiz Cesar Pimentel e Vasconcelo Quadros (Brasília)

REPORTAGEM
Ana Mosquera, Alan Rodrigues, Denise Mirás, Marcelo Moreira, Maria Ligia Pagenotto, Mirela Luiz e Carlos Eduardo Fraga (estagiário)

COLUNISTAS E COLABORADORES
Cristiano Noronha, Elvira Cançada, Erika Mota Santana, José Vicente, Laira Vieira, Marco Antonio Villa, Mentor Neto, Rachel Sheherazade, Ricardo Amorim, Ricardo Guedes, Ricardo Kertzman e Rosane Borges

ARTE
DIRETORA DE ARTE: Renata Maneschy
EDITOR DE ARTE: Wagner Rodrigues
DESIGNERS: Cleber Machado e Therezinha Prado
WEB DESIGN: Alinne Nascimento Souza

AGÊNCIA ISTOÉ
Editor: Frédéric Jean
Assistente: Marco Ankosqui

APOIO ADMINISTRATIVO
Gerente: Maria Amélia Scarcello
Assistente: Cláudio Monteiro

MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA
Diretor: Edgardo A. Zabala

Central de Atendimento ao Assinante: (11) 3618-4566
de 2ª a 6ª feira das 10h às 16h20. Sábado das 9h às 15h.
Outras capitais: 4002-7334
Outras localidades: 0800-8882111 (exceto ligações de celulares)
Assine: www.assine3.com.br
Exemplar avulso: www.shopping3.com.br

PUBLICIDADE
publicidade1@editora3.com.br
Diretora de Publicidade: Débora Liotti
deboraliotti@editora3.com.br
Gerente de Publicidade: Fernando Siqueira
publicidade1@editora3.com.br
Secretária da diretoria de publicidade: Regina Oliveira
reginaoliveira@editora3.com.br
Diretor de Arte: Pedro Roberto de Oliveira **Contato:** publicidade@editora3.com.br **ARACAJU – SE:** Pedro Amarante · Gabinete de Mídia · **Tel.:** (79) 3246-4139 / 99978-8962 – **BELÉM – PA:** Glícia Diocesano · Dandara Representações · **Tel.:** (91) 3242-3367 / 98125-2751 – **BELO HORIZONTE – MG:** Célia Maria de Oliveira · 1a Página Publicidade Ltda. · **Tel./fax:** (31) 3291-6751 / 99983-1783 **– CAMPINAS – SP:** Wagner Medeiros · Wem Comunicação · **Tel.:** (19) 98238-8808 – **FORTALEZA – CE:** Leonardo Holanda – Nordeste MKT Empresarial – **Tel.:** (85) 98832-2367 / 3038-2038 – **GOIÂNIA–GO:** Paula Centini de Faria – Centini Comunicação – Tel. (62) 3624-5570/ (62) 99221-5575 – **PORTO ALEGRE – RS:** Roberto Gianoni, Lucas Pontes · RR Gianoni Comércio & Representações Ltda · **Tel./fax:** (51) 3388-7712 / 99309-1626 **– INTERNACIONAL:** Gilmar de Souza Faria · GSF Representações de Veículos de Comunicações Ltda · **Tel.:** 55 (11) 99163-3062

ISTOÉ (ISSN 0104 - 3943) é uma publicação semanal da Três Editorial Ltda.
Redação e Administração: Rua William Speers, 1.088, São Paulo – SP, CEP: 05065-011. **Tel.:** (11) 3618-4200
Istoé não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados.
Comercialização: Três Comércio de Publicações Ltda, Rua William Speers, 1212, São Paulo – SP.
Impressão e acabamento: D'ARTHY Editora e Gráfica – R. Osasco, 1086 – Guaturinho, CEP: 07750-000 – Cajamar – SP

DINO MOSTRA A CARA

Em decisão inédita que assusta o Congresso, o ministro do STF suspende o orçamento secreto e manda os órgãos de controle apontarem quem são os "padrinhos" das emendas e quais as obras beneficiadas com a farra do dinheiro público

Vasconcelo Quadros

Há seis meses no Supremo Tribunal Federal, Flávio Dino não lembra em nada a político que, sem papas na língua, enfrentou e humilhou a extrema direita em frequentes embates no Congresso. Ele parou de dar entrevistas, desvia-se de conflitos e reconstrói sua vida de magistrado sóbrio e longe dos holofotes. Mas, o que ele "fala" nos autos tem ainda mais contundência, mostra como atuará e revela um novo estilo de fazer justiça no STF: desde o início de agosto, em apenas dois despachos, o ministro vem assombrando o Parlamento ao colocar um guizo nas emendas parlamentares e quebrar o sigilo sobre a parte do Orçamento federal que deputados e senadores, com total liberdade, e nenhuma transparência, vinham gerindo, numa escancarada usurpação de prerrogativas que pertenciam ao governo, mas que foram entregues de bandeja ao Centrão pelo desastrado governo de Jair Bolsonaro, em 2020. Dino é o único dos 11 ministros que chegou à Corte depois de militar por mais de 30 anos na política, transitando pelos mais altos cargos do Legislativo e do Executivo, e conhecendo, portanto, os atalhos usados para acessar recursos federais por quem se esforça pra não deixar rastros. Nos últimos cinco anos, o pagamento dos valores de emendas foi encoberto por segredos que impediram a identificação dos autores e, no caso das chamadas PIX, até o destino dado por estados e municípios é desconhecido, inclusive para onde o dinheiro é repassado. O ministro inverteu o ônus da prova e determinou que governo e Congresso se ajustem ao princípio da transparência na aplicação dos recursos orçamentários, o que implica em passar um pente fino nos gastos irregulares de um vasto período. É provável que a devassa em curso, a cargo dos órgãos de controle, traga à tona um novo esquema de corrupção que Bolsonaro jogou para debaixo do tapete. Durante a campanha eleitoral de 2022, a ministra do Planejamento Simone Tebet, então candidata do MDB, afirmou que o orçamento secreto era "o maior esquema de corrupção do planeta". Na sua decisão, Dino dá uma pista sobre as suspeitas ao ressaltar que rastreabilidade permite um controle que "promove a eficiência da gestão pública e o combate à corrupção".

FOTOS: MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL; WILTON JUNIOR/ESTADÃO CONTEÚDO

> **“Controle e transparência promovem a eficiência da gestão pública e o combate à corrupção”**
> **Flávio Dino, ministro do STF**

No curto período em que está no STF, o ministro tem construído um perfil progressista e sem tolerância com golpistas ou corruptos. Cristão de carteirinha, contrariou a CNBB, que é Amicus Curie na causa, ao mandar para o arquivo um pedido da entidade de anulação do voto favorável da ex-ministra Rosa Weber pela descriminalização do aborto até a 12ª semana de gestação. Também recusou um pedido de liberdade, via habeas corpus, ao ex-assessor de Assuntos Internacionais de Bolsonaro, Felipe Martins, votou para afastar a tutela intervencionista dos militares do artigo 142 da Constituição e manteve, como queria o CNJ, o afastamento dos desembargadores lavajatistas Thompson Flores e Leôncio Lima do TRF-4.

PODER Pacheco (Senado) e Lira (Câmara) fazem a distribuição dos recursos do orçamento sem transparência

DEVASSA

Puxando a ponta desse iceberg do orçamento secreto, Dino é a pior notícia para um Congresso voltando do recesso. O ministro quer que governo e a cúpula do Legislativo apontem os autores das chamadas emendas de Comissão, uma das principais estratégias do orçamento secreto, suspendeu os pagamentos e condicionou a liberação dos recursos à apresentação dos dados sobre o uso da dinheirama. Ele trancou a porta que permitia aos parlamentares apresentar emendas para obras em regiões fora do território em que foram eleitos - o que favorecia interesses cruzados -, obrigou ONGs e demais entidades do terceiro setor a mostrar onde os recursos foram gastos e mandou que a Controladoria Geral da União (CGU) faça auditorias para identificar os dez municípios mais beneficiados por emendas de comissão e do relator, já que duas modalidades camuflam os “padrinhos” das emendas. Determinou ainda que apresentem um relatório mostrando as obras executadas ou em execução, com respectivas análises de eficiência e de riscos. Trata-se, na verdade, de uma devassa jamais vista.

Parte de suspeitas de sucessivos desvios de recursos públicos resulta numa guinada que devolve ao Executivo a atribuição de usar o dinheiro público em obras prioritárias, indicadas por estudos conforme a necessidade da população. Embora tenha pego de surpresa os presidentes da Câmara,

VENCEDOR Lula não enfrentou o Centrão, mas é o principal beneficiário com a decisão do STF devolvendo o Orçamento ao Executivo

Arthur Lira (PP-AL), principal arquiteto do orçamento secreto, e do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), o ministro já havia antecipado as medidas logo após sua posse no STF, em abril, quando anunciou que tinha "um encontro marcado com o tema relativo à parlamentarização da elaboração orçamentária e das despesas públicas no Brasil". Os dados do Portal da Transparência mostram que desde 2020, o governo pagou em emendas dos congressistas algo em torno de R$ 95 bilhões, dos quais cerca da metade são originárias do orçamento secreto. Só em 2022, mais de R$ 28 bilhões foram originários das emendas de comissão e do relator apelidadas, respectivamente de RP8 e RP9, criadas por Bolsonaro. Em 2023, refém da maioria congressista conservadora e sem condições de medir força no voto, o presidente Lula não conseguiu romper o ciclo vicioso herdado do antecessor, e mandou pagar R$ 21,91 bilhões, dos quais mais da metade via orçamento secreto. O fenômeno se repetiu este ano com a liberação até aqui de R$ 23,15 bilhões, cuja distribuição seguiu o mesmo modelo de falta de transparência para a imensa maioria das emendas, uma farra que alimenta o caixa das campanhas políticas neste ano eleitoral. Lira e Pacheco estudam uma reação conjunta do Congresso. Nas reuniões com o STF os representantes da Câmara e do Senado sustentaram que as emendas seguem o regimento das duas Casas e, como houve modificação na lei, a figura do parlamentar que patrocina os recursos não existe e nem há como identificá-lo.

INCONSTITUCIONAL

Na quarta-feira, 7, o Procurador-Geral da República, Paulo Gonet, em linha com os despachos de Dino, entrou com uma Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) no STF pedindo a extinção das emendas PIX, sob argumento de que o sistema dribla o plano plurianual e as leis orçamentárias para se desviar de convênios, da fiscalização e é executado sem critérios. O procurador ressalta que esse tipo de emenda fere o pacto federativo e a separação dos poderes. A Carta não dá ao Legislativo a prerrogativa de alterar o texto constitucional sem que seja através de uma PEC. O PGR pede a suspensão dos dispositivos usados pelo Congresso até o julgamento do mérito da ADI. Ele argumenta que a Constituição define o orçamento como ferramenta de execução de despesas e investimentos como iniciativa exclusiva do presidente da República, deixando aos parlamentares o poder de alterar o Orçamento via emendas desde que estas estejam de acordo com o plano plurianual e a lei de diretrizes orçamentárias. Segundo Gonet, a emenda PIX reduz o papel do Executivo e entrega dinheiro público a outros entes sem fiscalização. "A quantia passa a pertencer ao ente político beneficiado pelo ato singelo de transferência". O volume de repasses mais que duplicou entre 2022 e 2023, saltando de R$ 3,32 bilhões para R$ 6,75 bilhões, dos quais pelo menos um terço é na modalidade de transferência especial que, em 80% dos casos, não aponta nem quem recebe o dinheiro. Gonet quer a extinção da emenda PIX e pede que a ADI seja distribuída a Flávio Dino. Como se vê, STF e PGR apertam o cerco contra as suspeitas de corrupção. Lula faz cara de paisagem. ■

COMO SURGIU A EXCRESCÊNCIA

1 Em 2019, Bolsonaro entregou parte da execução do Orçamento ao Centrão liderado pelo presidente da Câmara, Arthur Lira. O que era uma relação histórica baseada em apresentação de emendas individuais e das bancadas estaduais passou a receber mais duas nomenclaturas: RP8 e RP9, ou seja, emendas de comissões e do relator, espinha dorsal do orçamento secreto revelado depois pelo jornal *O Estado de S. Paulo*

2 No embalo do orçamento secreto, surgiu também a emenda Pix, a RP6, denominada de transferência especial. Através desse mecanismo, parlamentares indicam estados e municípios beneficiados em operações de transferência direta que não apontam autores e nem o projeto sobre o qual se destinam os recursos públicos

3 O volume de emendas Pix duplicou de 2022 a 2023: de R$ 3,2 bilhões, saltou para R$ 6,7 bilhões. E este ano, de um total de R$ 8,2 bilhões solicitados, o governo já pagou R$ 7,6 bilhões. Um ato singelo de transferência permite ao usuário usar o dinheiro como quiser

4 Só agora, cinco anos depois, em nome da transparência, o orçamento secreto começa a ser extinto. STF e PGR sustentam que, ao não apontar autor nem o destino final dos recursos, os mecanismos das emendas são inconstitucionais. Só em 2022 foram pagos mais de R$ 28 bilhões.

5 O governo Lula 3 herdou o orçamento secreto de seu antecessor e nada fez para acabar com o sequestro de uma prerrogativa que era do Executivo. Uma vez executada, a decisão do ministro Flávio Dino (STF) devolve o Orçamento ao governo e abre espaço para CGU, AGU e TCU esclarecerem o destino de metade dos R$ 95 bilhões pagos entre 2020 e 2024.

FOTO: RAFA NEDDERMEYER/AGÊNCIA BRASIL

INÊS 249

Eleita a melhor empresa do setor de alimentos e bebidas, pelo 3º ano consecutivo.

Institutional Investor

Confiança é base de qualquer relacionamento. Do consumidor ao investidor.

Receber a mais alta distinção na premiação anual da Institutional Investor reforça nosso compromisso diário com a excelência, em tudo o que a gente faz. Um exemplo concreto é que, nos últimos 5 anos, a JBS entregou um retorno médio anual de 25% a.a. em reais e 17% a.a. em dólares aos acionistas. Esse desempenho fortalece toda uma rede de confiança. E promove o reconhecimento contínuo de consumidores, clientes, colaboradores, comunidades e investidores que têm apostado na JBS ano após ano.

2024 LATIN AMERICA EXECUTIVE TEAM
MOST HONORED COMPANY
JBS

1ª Empresa Mais Reconhecida / #1 Most Honored Company

Melhor CEO - 1º lugar - *3º ano consecutivo*

Melhor CFO - 1º lugar - *3º ano consecutivo*

Melhor Profissional de RI - 1º lugar - *SellSide*

Melhor Time de RI - 1º lugar - *4º ano consecutivo*

Melhor Programa de RI - 1º lugar - *3º ano consecutivo*

Melhor Conselho - 1º lugar - *2º ano consecutivo*

INÊS 249

O AGRO ATACA E TENSIONA O CAMPO

Com seguranças armados, fazendeiros atacam indígenas, montam acampamento para barrar retomada das terras e agravam as tensões no campo: STF debate marco temporal ***Vasconcelo Quadros***

Arrastado para o centro do conflito entre índios e fazendeiros, acuado pela bancada ruralista e criticado por parceiros históricos que gravitam nos movimentos sociais por ter paralisado as demarcações prometidas, o governo Lula 3 corre o risco de ver naufragar sua política indigenista e ainda passar por um fiasco como sede da COP 30, o maior evento de clima e meio ambiente da ONU, que ocorrerá em Belém no ano que vem. Enquanto os chefes dos Poderes da República se perdem numa discussão sem fim para desatar o nó do imbróglio do marco temporal que eles mesmos criaram, os ânimos se acirram nas áreas em disputa e os conflitos armados pipocam em várias regiões do país. O confronto que terminou com dez índios Guarani-Kaiowá feridos a bala, no fim da semana passada em Douradina (MS), foi a consumação de um roteiro anunciado. A região tem sete áreas retomadas pelos índios, mas em todo o estado chegam próximo a 150 as fazendas ocupadas, metade do número reivindicado pelos indígenas. A tensão também toma conta de Guairá (PR) e Pontão (RS), mas a demanda reprimida é ainda maior: o conflito envolve 23 estados, onde levantamento da Confederação Nacional da Agricultura (CNA) estima que chegam a mais de nove milhões de hectares delimitada como terras indígenas, sobrepostas a mais de dez mil propriedades rurais que, se forem requisitadas pelo governo com indenização, exigiriam cerca de R$ 200 bilhões para pagar agricultores pela terra nua e benfeitorias.

Não foi o governo Lula quem criou esse cenário explosivo. As disputas se acumulam há mais de 20 anos, mas se agravaram durante o mandato de Jair Bolsonaro, que não só cumpriu à risca a promessa de não demarcar um centímetro de terra aos povos originários, como abriu as porteiras para grilagens, invasões, garimpos e exploração ilegal de madeira em áreas indígenas e unidades de conservação, especialmente na Amazônia. A região será mostrada ao mundo por Lula na conferência do clima (COP 30) do ano que vem como o ecossistema que mais abriga etnias, 16 delas povos isolados que nunca tiveram contado com a civilização. Na segunda, 5, o Supremo Tribunal

FOTOS: STF; HELLEN LOURDES/CIMI; APIB

MEDIAÇÃO Luiz Roberto Barroso e Gilmar Mendes (STF)fazem contorcionismo para mudar decisão do colegiado que rejeitou o marco temporal, imposto por decisão do Congresso em desafio

Federal realizou a primeira de uma série de audiências convocadas para rediscutir o marco temporal, polêmica aberta há um ano quando a Corte decidiu que é inconstitucional estabelecer um tempo preciso para balizar demarcação de territórios que já foram áreas de ocupação indígena. Uma invenção da bancada ruralista no Congresso, que quis se aproveitar de um parâmetro usado pelo STF especificamente no caso da homologação da reserva Raposa/Serra do Sol, em Roraima, em 2005, o marco entrou num verdadeiro vaivém: o Congresso criou uma nova lei para enfrentar o STF, o governo vetou, mas os dois Poderes acabaram vencidos pelos parlamentares, que derrubaram o veto e impuseram o limite de ocupação até 1988 para fins demarcatórios. O problema é que lei entrou num limbo e, diante de certa omissão do STF, que deve refazer sua própria decisão, o que gerou insegurança jurídica e que alimenta os conflitos.

A situação mais tensa atualmente é mesmo Douradina, onde dezenas de fazendeiros, em suas grandes caminhonetes, com seguranças armados abordo, montaram acampamento a poucos metros de onde estão os índios. Entre os ruralistas, há duas certezas, segundo disse à IstoÉ o presidente da Federação da Agricultura de Mato Grosso do Sul, Marcelo Bertoni, designado pela CNA para acompanhar os debates no STF.

A ministra dos Povos Indígenas, Sônia Guajajara esteve na área do conflito, conversou com fazendeiros, entidades e o governador Eduardo Riedel em busca de diálogo que evite o agravamento da violência, mas admitiu que sem a presença permanente e firme da Força Nacional os riscos são latentes. No STF as audiências de conciliação prosseguem até dezembro e, sob a coordenação do ministro Gilmar Mendes, buscam entendimento. Ao perceber que o STF pode mudar sua própria decisão para atender fazendeiros, o coordenador da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib), Maurício Terena, alertou que a eventual manutenção da lei como está interrompe demarcações e vai aumentar a insegurança e os conflitos. A decisão final será do plenário do STF. ■

FERIDOS Só em Douradina dez indígenas foram feridos em ataques deflagrados por fazendeiros; enquanto a falta de uma definição sobre o marco temporal agrava tensão no campo

ALERTA Bolsonaro reclama de alianças "estranhas" do PL e repreendeu Hélio Negão Lopes, diante de rumores de que o amigo apoiaria candidatos ligados à esquerda em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense

ALIANÇAS BIZARRAS

Totalmente opostos em âmbito nacional, PT e PL correm para desfazer arranjos locais que criam uniões improváveis entre partidos de extrema-esquerda e extrema-direita, obrigando, em alguns casos, a uma intervenção direta de diretórios nacionais e estaduais

Marcelo Moreira

A realidade é implacável e não há polarização capaz de superá-la. Essa é a impressão de alguns observadores políticos ao constatarem um fenômeno eleitoral que existe desde sempre no Brasil, mas que ganhou proporções surpreendentes em 2024: petistas e bolsonaristas de mãos dadas nos palanques e nas urnas em algumas cidades. "Não existe empecilho para que os extremos se encontrem quando líderes regionais decidem que é o caso de se unir", debochou um vereador paulistano ao saber que o PL foi obrigado a emitir, em nível nacional, uma determinação proibindo diretórios estaduais e municiais de apoiar ou se unir a qualquer partido ou candidato de esquerda.

Essa peculiaridade eleitoral brasileira está incomodando também o PT neste ano, coisa que foi relevada em eleições municiais anteriores. A proximidade com partidos mais extremistas de direita e com bolsonaristas está levando os diretórios petistas a intervir diretamente para desfazer acordos e apoios locais. Foi o que aconteceu em Ingá (PB), onde o PT local acenava com o apoio ao candidato do PL – Jan de Manoel da Lenha, o curioso candidato do partido do ex-presidente Jair Bolso-

FOTOS: DIDA SAMPAIO/AE; JOÉDSON ALVES/AGÊNCIA BRASIL; MARCELLO CASAL JR/AGÊNCIA BRASIL

naro que adora fazer o L de Lula com as mãos.O diretório estadual petista dinamitou a aproximação.

Em Francisco Morato, na Grande São Paulo, os dois partidos ensaiaram subir no mesmo palanque, mas a iniciativa está congelada até o momento. O vice-prefeito Ildo Galvão (Republicanos) é eleitor declarado de Jair Bolsonaro, pastor evangélico publicamente apoiado pelo governador do estado, Tarcísio de Freitas, do mesmo partido e nome forte da extrema-direita. Para vice de Galvão foi escolhido Chicão Bernabé, presidente municipal do PT, em arranjo aprovado pelos diretórios estadual e nacional do partido. As reclamações foram tantas que, no momento, o acordo está suspenso, mas não cancelado.

Nas capitais, chama a atenção São Luís (MA). O PL está resistindo à pressão para retirar o apoio ao candidato do PSB Duarte Júnior, bem colocado nas pesquisas de intenção de votos. Ele escolheu para vice a petista Isabelle Passinho. Essa e outras alianças bizarras enfureceram Bolsonaro, que foi às redes sociais para reclamar. "O meu acordo, tudo o que eu acertei lá atrás com o presidente do partido, o Valdemar (Costa Neto, dirigente nacional do PL), está sendo cumprido. Agora, o que acontece? Nós vamos ter mais de dois mil candidatos a prefeito pelo Brasil e também centenas de candidatos a vereador. Em alguns municípios estão aparecendo agora, como se estivessem escondidas, o PL se coligando com partidos como o PT, PCdoB e PSOL. Isso contraria nossas diretrizes políticas."

BOLSONARO RECLAMA

A bronca de Bolsonaro vai além e mira amigos e companheiros de partido. Fez chegar ao deputado federal Helio Lopes (PL-RJ), o Hélio Negão, que não toleraria apoio a Rogério Lisboa (PP) para prefeito de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. Lisboa é acusado de ser próximo ao PT e de ter apoiado petistas em eleições passadas. Também está contrariado com algumas posturas de Costa Neto, o presidente nacional do PL. Os dois buscam protagonismo na definição das alianças do partido no País e o ex-presidente aumenta o tom das queixas por conta de alguns acordos. Há tempos Costa Neto diz que Bolsonaro é o maior nome do partido, mas que a executiva nacional é que define a estratégia partidária nas eleições.

DIRETRIZES PT de Gleisi Hoffmann chancelou alguns acordos com candidatos de direita que apoiaram Lula. O PL veta aliança com a esquerda, mas algumas definições de Costa Neto contrariaram Bolsonaro

No PT, o partido tem de conciliar a indignação diante de certas alianças com a decisão tomada no ano passado pela Executiva Nacional: por 29 votos a 27, onde definiram que não vetariam alianças com partidos de direita nas eleições municiais desde que o candidato, de alguma forma, tenha apoiado o presidente Luiz Inácio Lula da Silva em algum momento. Na época, a presidente do partido, a deputada federal Gleisi Hoffmann, garantiu que a diretriz seria seguida. É o caso, por exemplo, de Patos de Minas (MG), com o apoio a José Eustáquio (União Brasil), Luziânia (GO), com Diego Sorgato (União Brasil), Maracanaú (CE), com Roberto Pessoa (União Brasil), e Águas Lindas de Goiás (GO), com Francisco Ribeiro (PSDB).

Mesmo com os casos extremos de união entre partidos totalmente opostos, cientistas políticos enxergam o mesmo padrão de sempre na eleições municipais: os arranjos locais têm mais peso do que "diretrizes" nacionais, evidenciando que, na prática, os partidos políticos não têm tanta representatividade nas cidades menores e nos rincões. "Os partidos brasileiros não são nacionais, de verdade, e as realidades locais se sobrepõem a interesses mais amplos e ideológicos. O pragmatismo tem muita força e permite espaço para uma série de acordos", diz Marco Antonio Teixeira, professor da FGV-SP. Elias Tavares analisa da mesma forma, enxergando um distanciamento dos discursos e demandas locais das orientações das agremiações políticas. "O conteúdo programático perde peso para as demandas mais urgentes do cotidiano. Por conta disso, não há grandes diferenças entre os candidatos a prefeito e a vereador. No passado já vimos alianças entre PT e PSDB em muitos lugares. Na eleição municipal, a rivalidade é muito mais política do que ideológica." Em resumo: na realidade da maioria suprema dos municípios brasileiros, o que vale mesmo são as conveniências locais. ■

INÊS 249

PREOCUPAÇÃO
Especialistas acreditam que retaliação do Congresso pode enfraquecer a atuação do STF

O fim da bengala?

Proposta para limitar o mandato dos ministros do STF segue no Senado, mas a falta de consenso sobre o tempo no exercício do cargo trava o avanço das discussões, que devem ficar para 2025

Marcelo Moreira

O ímpeto revanchista diminuiu, mas o espírito de mostrar "quem manda" persiste na relação entre o Congresso e o Supremo Tribunal Federal (STF). Os parlamentares não se conformam com muitas decisões recentes da alta Corte e se queixam amargamente de que os ministros de toga insistem em querer legislar no lugar de deputados federais e senadores, o que os magistrados sempre negaram. No embate, que ficou mais forte no ano passado, o contra-ataque mais contundente dos congressistas é a tese de que os mandatos dos ministros do STF precisam ser limitados, para horror dos magistrados e discreta simpatia da maioria das lideranças parlamentares, entre eles o próprio presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG).

O contra-ataque parecia ter fôlego para inflamar o debate, mas está parado no Senado à espera de consenso. O principal ponto é a fixação de oito anos para o mandato dos ministros do STF. É a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 16/2019, de autoria do senador Plínio Valério (PSDB-AM), que tem a relatoria de Tereza Cristina (PP-MS). Imaginava-se que a tramitação seria mais rápida, mas o tempo de duração do período de atuação dos ministros travou as coisas. A senadora está com o relatório avançado, mas ainda discute as sugestões: 8, 12, 15 ou 16 anos de mandato?

PODER LIMITADO

De acordo com Plínio Valério, essa medida visa garantir maior eficiência ao funcionamento regular do STF, evitando períodos prolongados de sobrecarga de trabalho dos ministros, como já ocorreu em diversas ocasiões. Para ele, a independência da instância mais alta da Justiça não ficará comprometida com a eventual "oxigenação", como já declarou em pronunciamentos no Senado. Rodrigo Pacheco, por sua vez, disse que a medida seria positiva para o próprio tribunal e para o Pís.

O decano da Corte Gilmar Mendes, criticou a iniciativa. Nas redes sociais, insinuou que se tenta um enfraquecimento do STF com a criação de "uma agência reguladora desvirtuada". A maioria dos críticos concorda que a proposta pode enfraquecer o STF, principalmente se for levada a cabo como uma "retaliação" à sua atuação. Alertam também para o fato da proposta criar duas classes de juízes: aqueles que continuam a se aposentar aos 75 anos — os que já estão e não seriam afetados — e os juízes "temporários", nomeados no futuro. A preocupação é que isso poderia causar uma "discrepância" em relação a análises e decisões. De qualquer forma, é consenso no Senado de que dificilmente o assunto será discutido ainda em 2024 por causa das eleições municipais e pela pauta carregada de temas mais urgentes, como a regulamentação da Reforma Tributária. ■

FOTO: ROSINEI COUTINHO/SCO/STF

TOKIOMARINEHALL.COM.BR

INÊS 249

TOKIO MARINE HALL

CURTA O MOMENTO!
A TOKIO MARINE SEGURADORA
CUIDA DE TUDO.

16
TOP LINK MUSIC APRESENTA:
KIKO LOUREIRO
ABERTURA:
GUSTAVO DI PADUA
LUIZ TOFFOLI
CONVIDADOS ESPECIAIS:
BUMBLEFOOT LUIS MARIUTTI LOBÃO ALIRIO NETTO
TOKIO MARINE SEGURADORA APRESENTA:
PALCO NOVOS TALENTOS
PRÉ E AFTER SHOW
DISTURBED COVER
10 DE AGOSTO - 22H

16
INIMIGOS da hp
TOKIO MARINE SEGURADORA APRESENTA:
PALCO NOVOS TALENTOS
PRÉ E AFTER SHOW
QUINTAL DO MARKINHO
16 DE AGOSTO - 22H

16
BAILE DO Magal
TOKIO MARINE SEGURADORA APRESENTA:
PALCO NOVOS TALENTOS
PRÉ E AFTER SHOW
MARKINHOS MOURA
24 DE AGOSTO - 22H

16
SUPER TRAMP EXPERIENCE
A MAIOR BANDA TRIBUTO AO SUPERTRAMP DO MUNDO
TOKIO MARINE SEGURADORA APRESENTA:
PALCO NOVOS TALENTOS
PRÉ E AFTER SHOW
BANDA PULSE
25 DE AGOSTO - 20H

16
ART POPULAR
O Canto da Razão
31 DE AGOSTO - 22H

16
DETONAUTAS
TOUR 20 ANOS ACÚSTICO
06 DE SETEMBRO - 22H

16
Tributo a Elis & Tom
Daniel Jobim & Kell Smith
07 DE SETEMBRO - 22H

16
TURNÊ 2024
BENITO DI PAULA
O MESTRE DO SAMBA COMEMORA
54 ANOS DE CARREIRA
APRESENTANDO SUA
OBRA IMORTAL
PART. ESPECIAL
RODRIGO VELLOZO
15 DE SETEMBRO - 19H

Cia. Aérea Oficial:

Mídia Partner:

Apoio:

Realização:

Seguimos todos os protocolos internacionais de segurança e higienização. Menores de 16 anos somente acompanhados dos Pais ou Responsável Legal.
Os descontos não são válidos para meia entrada. Pré-venda (mínimo de 48 horas de antecedência do público geral) exclusiva para segurados ou colaboradores da Tokio Marine Seguradora S.A. ou corretores cadastrados no Portal do Corretor. Na pré-venda os 50 primeiros segurados ou colaboradores ou corretores têm direito a compra de 04 ingressos, por CPF, com desconto exclusivo de 50%. Atingidos os 50 primeiros CPFs e ainda estando dentro das 48 horas da pré-venda, segurados ou colaboradores ou corretores terão 20% de desconto até o limite de 30% da carga de ingressos. Após a pré-venda será aplicado o desconto de 20% para segurados ou colaboradores ou corretores, não cumulativo com outras promoções e limitado a 4 ingressos por CPF. Segurados passam a ter direito ao desconto um dia após a emissão da apólice e até o término da vigência do seguro. Seguros adquiridos por meio de apólices coletivas, certificados e bilhetes não participam da promoção. Todos os descontos desse regulamento são aplicados no valor do ingresso na data da compra e NÃO são cumulativos com outros descontos e outras promoções. A compra da meia-entrada é pessoal e intransferível e a legitimidade está condicionada à apresentação dos documentos que comprovem esta condição na entrada do espetáculo, conforme LEI Nº 7.844 DE 13 MAIO DE 1992. Capacidade máxima = 4.900 pessoas | Alvará Prefeitura:2024/02785-00 Val:16/05/2025 | Alvará Bombeiro: nº 605304 Val:06/10/2024. R. Bragança Paulista, 1281 | www.tokiomarinehall.com.br | GRUPOS: (11) 5646.2120

INÊS 249

INÊS 249

Capa/Olimpíadas

AS RAINHAS DO BRASIL

Desempenho excepcional de **Rebeca Andrade** nos Jogos **atrai novos aspirantes a atletas** e abre caminho para **futuro ainda mais vitorioso** do esporte, com novos investimentos, patrocínios e talentos. **Mulheres formam 60% da delegação do País** e são as grandes **ganhadoras de medalhas** em Paris

Denise Mirás, de Paris

REVERÊNCIA
As ginastas americanas Simone Biles (à esq.) e Jordan Chiles prestam homenagem a Rebeca no pódio em que a brasileira recebeu o ouro

FOTOS: DAN MULLAN/AFP; ALEXANDRE LOUREIRO/COB

> ***Lindo esse momento de irmandade e espírito esportivo! Parabéns Rebeca, Jordan e Simone”***
>
> **Michele Obama,**
> ex-primeira-dama dos EUA

O incrível em Rebeca Andrade, a nova heroína do Brasil, nem é seu talento, que arrasta milhões de seguidores pelas redes sociais. Ou a dedicação e o foco que a consagraram como maior medalhista brasileira, com seis, e uma das melhores ginastas do mundo em toda a História. Também nela está a determinação e a resiliência para superar as dificuldades financeiras e a insuficiência de apoio no início da trajetória e três cirurgias no joelho direito, para seguir praticando os saltos, malabarismos, passos e danças do seu esporte. Mas talvez a maior grandeza da atleta, que cativa “extraterrestres” como a americana Simone Biles, derrotada por ela no solo em Paris 2024, e que tornou-se fã, esteja no coração. Ao declarar que testemunhar a felicidade do técnico Francisco Porath, o Xico, de familiares e amigos é “tão importante” quanto conquistar pódios, mostra como pavimentou o caminho para se estabelecer entre os deuses olímpicos. Desde Tóquio 2020, a leveza e a admiração pelas adversárias, entre as próprias ginastas, transformaram a fachada de um esporte e arrebataram ainda mais fãs por todo o planeta. Da mesma forma que a skatista Rayssa Leal, a “Fadinha”, a alma de Rebeca transborda no sorriso. O desempenho espetacular nos últimos anos é promessa de dias ainda melhores para o esporte brasileiro no futuro. Atrai seguidores para a ginástica, fortalece o mercado esportivo, incentiva novos investimentos e patrocínios na base e na elite e impulsiona a formação de novos talentos. “Lindo esse momento de irmandade e espírito esportivo! Parabéns Rebeca, Jordan e Simone”, rendeu-se a ex-primeira-dama americana Michele Obama, nas redes sociais, à foto de abertura dessa reportagem. “Rebeca é incrível. Uma rainha. Decidimos demonstrar nosso respeito. Era o correto a ser feito. Eu a amo”, derreteu-se a própria Simone.

ISTOÉ acompanhou Rebeca no espaço Casa Brasil, em Paris, na quarta-feira (7). Com tranquilidade, a ginasta vai emendando um assunto no outro. Da confiança nela mesma e em sua equipe, e do "ourozinho que queria tanto", à emoção por ter completado um ciclo olímpico, quatro anos, sem passar por cirurgias. Fala de Simone ter percebido o quanto o momento no pódio do solo, com Rebeca no alto e a também americana Jordan Chiles no degrau do bronze, primeiro com três mulheres negras em Jogos, era importante para a brasileira e ter sido generosa na reverência à campeã. Do assombro pelas celebridades mundiais que agora a seguem nas redes sociais. Do orgulho por Rosa, mãe branca, ter criado oito filhos pretos com ela e da importância de crianças brasileiras não desistirem dos sonhos mesmo diante de dificuldades. E também do apoio de programas como a Bolsa Atleta e da segurança conquistada para sua família, que deixa de ser motivo de preocupação. Da mesma forma que responde ser estrogonofe de frango o prato predileto, admite que hoje está "grandona", no topo do mundo, "fazendo o que nasci para fazer".

Paulista de Guarulhos, 25 anos, 1,65m e 55 quilos, Rebeca conquistou quatro medalhas na capital francesa: ouro no solo, prata no individual geral e no salto e bronze por equipes — que se somaram ao ouro no salto e à prata no individual geral em Tóquio 2020. Entre a chegada e o encerramento da competição, ela saltou de três milhões de seguidores para mais de nove milhões. É o mesmo patamar da "Fadinha" Rayssa, bronze no street do skate, que arrastou a Paris 40 patrocinadores, entre fixos e pontuais, e de Simone. O duelo com a americana fez do Comitê Olímpico do Brasil o mais seguido do mundo, ultrapassando o Team USA.

Foi assim também com a judoca Bia Souza, primeira a garantir ouro para o Brasil (na categoria +78kg), que teve um salto absurdamente expressivo: dos pouco mais de 50 mil seguidores, passou a 2,2 milhões após apelo da Cazé TV. Como sentiram as outras ginastas da equipe de bronze (Jade Barbosa, Lorrane Oliveira, Flavia Saraiva e Julia Soares), a boxeadora Bia Ferreira (bronze até 60kg), Tatiana Weston-Webb, prata no surfe, a judoca Rafaela Silva (até 57kg), decisiva também no bronze por equipes, e as garotas do futebol feminino. E mesmo

MAIS UMA A skatista Rayssa Leal, que desembarcou nos Jogos com 40 patrocinadores, conquistou o bronze

ONDE TUDO COMEÇOU

Força muscular, foco, autoconfiança e consciência corporal privilegiada. Eis a fórmula do sucesso de Rebeca Andrade, levada aos cinco anos à técnica Mônica Barroso dos Anjos, de um ginásio de Guarulhos, por uma tia ex-cozinheira do local

"Uma espoletinha." Assim a técnica e árbitra de ginástica artística Mônica Barroso dos Anjos define Rebeca Andrade. Ela a conheceu com cinco anos, no Ginásio Municipal Bonifácio Cardoso, em Guarulhos. A musculatura, a inquietação e a flexibilidade da menina logo chamaram atenção. Júnior Fagundes, responsável por treinar a ginasta por um ano, ressalta que ela é "excepcional" e "blindada emocionalmente". A consciência que Re-

INÊS 249

ESCOLHA Filha de brasileira e britânico nascida em Porto Alegre e criada nos EUA, Tati levou prata

SURPRESAS O ouro de Bia Souza (à esq.) e o bronze de Larissa Pimenta, ambas do judô, não eram esperados pelos especialistas

Valdileia Martins, com a incrível história de começar a prática do salto com vara (de pesca) e colchão (de palha de arroz) em um assentamento do MST, até chegar a uma final olímpica em Paris.

INÍCIO DO APOIO

No feminino ou no masculino, os nomes de ponta foram formados a partir de organizações sociais que receberam verbas federais ou passaram pelo Bolsa Atleta, implantado em 2005 pelo então secretario nacional de Alto Rendimento do Ministério do Esporte, o nadador Djan Madruga. O programa foi reforçado pelo substituto Ricardo Leyser, que promoveu, em 2009, o Bolsa Pódio, para quem estivesse entre os 20 melhores do ranking mundial, com salário de R$ 15 mil pago aos mais bem colocados. Era apenas parte do plano Brasil Medalhas, que incluiu melhoria de infra-estrutura, equipes multidisciplinares, viagens de intercâmbio e competições, compra de equipamentos e criação de pistas de atletismo em universidades e centros esportivos, esta em parceria com prefeituras. Confederações de esportes coletivos receberam patrocínio de empresas públicas federais como Caixa, Petrobrás, Correios e Banco do Brasil. São Paulo levantou, com verba federal e parte estadual, um moderníssimo Centro Paralímpico, entre os tops do mundo.

O esporte tem três grandes fontes de financiamento do governo federal: a Lei Agnelo/Piva, que destina um percentual da arrecadação das loterias aos comitês olímpico e paralímpico, o programa Bolsa Atleta e a Lei de Incentivo ao Esporte (LIE), por renúncia fiscal. Um estudo do Instituto de Pesquisa Inteligência Esportiva, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), mostra que os investimentos levaram o Brasil a somar, a partir de 2004,

beca tem de seu corpo no espaço é o que a torna tão especial, diz ele.

Assim como seus músculos, a estrutura emocional foi construída desde a infância. "É um desafio treinar crianças tão pequenas", afirma a psicóloga Cinthia Baeza, que trabalhou com a medalhista por um ano e meio. "Elas precisam de apoio individual e coletivo para seguir com os treinos, pois lidam com exigências muito grandes."

O fenômeno Rebeca Andrade fez com que triplicasse a procura pelas aulas no ginásio. Foram preenchidas 450 vagas em agosto, há fila de espera e o telefone não para de tocar. Ali são identificados novos talentos. Um deles é Lavínia Freire, onze anos, que quer ser como Rebeca. Mônica garante que ela possui condições de realizar o sonho. "Tem boa postura corporal, flexibilidade e amplitude". E determinação de sobra, segundo a mãe, Edjane. No armário do quarto, Lavínia colou um papel com sua lista de desejos: ir para Rio treinar no Flamengo, clube que abriga Rebeca, trabalhar como técnica e conhecer a brasileira e a americana Simone Biles. ***(Maria Ligia Pagenotto)***

INSPIRAÇÃO Rebeca e Mônica em foto na parede do ginásio onde a ginasta começou (detalhe) e o treinamento da promessa Lavínia Freire

FOTOS: WILLIAM LUCAS/COB; JULIAN FINNEY/AFP; RODOLFO BUHRER/AFP; RAFAEL BELLO/COB; HIROTO SEKIGUCHI/AFP; MIRIAM JESKE/COB; ROGERIO ALBUQUERQUE

nos Jogos de Atenas, 267 medalhas em cinco Olimpíadas, 150% a mais que nas oito edições anteriores. Os patrocínios privados chegaram a R$ 60 milhões em 2023 e, em 24 anos de lei Agnelo/Piva, as loterias repassaram R$ 17,42 bilhões, equivalentes a 80% dos recursos gerais do esporte brasileiro. Outra fonte é o Bolsa Atleta, que envolve 350 contemplados. A Pódio, valor mais alto, paga hoje pouco mais de R$ 16 mil mensais. A LIE aportou R$ 5,49 bilhões desde 2007.

Assim, um representante do Brasil que chega ao nível olímpico conta hoje com recursos federais e projetos de governos estaduais e prefeituras, mas ainda falta continuidade no caso de programas para que atletas na faixa de 15 e 16 anos recebam apoio. E também integração, como acrescenta Leyser, no caso de projetos sociais como o programa Segundo Tempo (no contraturno escolar), que chegou a ter quatro milhões de crianças em escolas e instalações das Forças Armadas. "É preciso retomar a política esportiva nacional, massacrada no governo Bolsonaro. A partir dela se constrói a base para o surgimento de novos talentos. Faz muita falta", diz Leyser. "Poderíamos ter duas ou três gerações bem trabalhadas, na faixa dos 19, 20 anos, apresentando resultados expressivos e consistentes", acrescenta.

Com relação a um projeto nacional efetivo para iniciação de crianças e a prospecção de talentos, o Brasil está ainda mais atrasado, à mercê de iniciativas pontuais. Em países classificados como potências esportivas, o natural são pólos de iniciação abertos à garotada, em centros públicos e escolas. Aqui, é precária a estrutura para meninos e meninas que buscam opções para a prática esportiva -- sobretudo as vindas de famílias de baixa renda, que precisam arcar com sacrifícios para que suas crianças acompanhem a rotina de treinamentos. Adolescentes que conseguem vencer essa "arrebentação" tem chances bem maiores de aproveitar as ondas de patrocínio público e privado e viver do esporte, caso cheguem ao alto nível, realidade atual de Rebeca e Rayssa.

VOLTA POR CIMA Após início ruim, Seleção feminina de futebol venceu a Espanha com atuação de gala, garantiu medalha e vaga na final

DOMÍNIO FEMININO

Nesta Olimpíada, onde finalmente se equipararam os números de mulheres e homens atletas, e brilham as medalhas femininas, sobretudo nas conquistas brasileiras, Rebeca e sua história refletem dados publicados pelo IBGE. Dos 203 milhões da população — que pela primeira vez se reconhece de maioria parda, com 45,3% do total —, 51,5% são mulheres. Pela Síntese de Indicadores Sociais, dos 12,7 milhões de brasileiros na extrema pobreza, e 67,8 milhões na pobreza, nada menos que 81,6% estão em famílias chefiadas por mulheres. Em Paris, elas fazem bonito. Conquistaram mais de 70% das medalhas brasileiras.

Rosa Braga, a mãe de Rebeca, vivia essa situação quando a filha, quinta da escadinha de oito, foi levada a um ginásio de Guarulhos por uma tia, Maria Aparecida, cozinheira, então cozinheira do local, e iniciou sua trajetória (leia quadro). Aos dez anos, a garota seguiu para o Centro de Excelência em Ginástica do Paraná (Cegin), construído pelo governo estadual na virada de milênio, quando COB e confederações contratavam treinadores estrangeiros de medalhistas olímpicos. O técnico ucraniano Oleg Ostapenko, que treinou também Daiane dos Santos, passou a cuidar da promessa.

O Cegin é um dos locais que conseguiu dar sequência ao trabalho de formação de ginastas para alto rendimento, como prova Julia Soares, 18 anos, a caçula do bronze da ginástica artística em Paris, que tem Rebeca como espelho fundamental. Como se percebe, a meta continua a ser a conquista do equilíbrio de investimentos, incentivos e estrutura de formação entre crianças e jovens que ainda não atravessaram a "arrebentação" e atletas que são realidade. Aí o País terá, em quantidades maiores, novas Rayssas, Bias e, sobretudo, Rebecas, a nova rainha do Brasil. ■

FOTOS: JULIO CORTEZ/AP; CLIVE MASON/AFP; MARINA ZIEHE/COB; MOHD RASFAN/AFP; MICHAEL STEELE/AFP; DIVULGAÇÃO; OLI SCARFF/AFP; PARIS 2024

INÊS 249

DE OLHO EM PARIS

ANÉIS DE BRONZE
As ginastas Rebeca Andrade, Jade Barbosa, Lorrane Oliveira, Flavia Saraiva e a "caçula" Julia Soares não se cansam de festejar a medalha de bronze por equipe feminina nos Jogos de Paris, a primeira do País na categoria. O último ato foi uma simpática foto em um dos monumentos com os cinco anéis do movimento olímpico instalados na Cidade Luz. Uma comemoração mais do que justificada.

BRONZE

UMA REFUGIADA NO PÓDIO
A boxeadora Cindy Ngamba, nascida em Camarões, ganhou o bronze na categoria de 75 quilos. Não é uma medalha comum. Trata-se do primeiro pódio em olimpíadas de um integrante da equipe de refugiados, reunida pela primeira vez em no Rio em 2016. Cindy mudou-se para Londres por perseguição a homossexuais em seu país, mas ainda não conseguiu cidadania britânica.

INFLAÇÃO VOLUNTÁRIA
Estão à venda pela internet partes dos uniformes dos voluntários dos Jogos Olímpicos de Paris 2024... a preços estratosféricos. Um chapéu a 200 euros (cerca de R$ 1.200) e até cem euros (R$ 600) por um par de meias, camiseta a até 110 euros (R$ 660), pochete chegando a 310 euros (mais de R$ 1.800). A Decathlon, marca francesa encarregada do design e da confecção para vestir cada um dos 45 mil colaboradores que se apresentaram — com 15 itens e nos mais diversos tamanhos —, produziu um milhão de peças.

BATE O SINO...
Desde a Antiguidade funcionando como chamado a populações, também para eventos festivos, um sino virou xodó no Stade de France. Depois da passagem pelo rúgbi-7, que partia para o badalo a cada gol alcançado, foi a vez o atletismo colocar seus campeões olímpicos para tocar a peça, fabricada pela fundição CornilleHavard, na Normandia. Encerrados os Jogos, o sino será levado para uma das torres da Catedral de NotreDame restaurada, com abertura prevista para 8 de dezembro, e então seu som poderá ser ouvido novamente. Será um símbolo para eternizar o espírito olímpico e a festa que a capital francesa viveu, por Paris 2024.

O GOLDEN DA EQUIPE
As americanas da ginástica, lideradas por Simone Biles, levaram o Beacon, golden retriever de quatro anos, para a Vila Olímpica. Missão: ajudar no combate ao estresse no intervalo dos treinamentos.

"A COMIDA ERA INCRÍVEL NO RIO E EM TÓQUIO. AQUI, ENCONTREI VERMES EM PEIXE"

Do nadador britânico **Adam Peaty**, ao criticar as refeições nos Jogos de Paris

15,3 MILHÕES
Esse foi o número de visitantes estimados pelo Posto de Turismo de Paris para o período dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos, na Île-de-France.

Na obra-prima *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o escritor Machado de Assis tornou lapidar frase de seu narrador-defunto protagonista da história: "Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria". O próprio autor deu pista de que compactuava com a filosofia, já que ele e a mulher, a portuguesa Carolina Augusta de Novais, optaram por não deixarem descendentes. Mas os 143 anos que nos separam da publicação do romance não tornaram arcaica a ideia nem o formato de casamento sem prole. Pelo contrário. Nos últimos anos a quantidade de brasileiros que optam por cirurgias de fertilização cresceu ao ponto de no ano passado as laqueaduras darem salto de 80% entre as mulheres e as vasectomias, de 40%, entre os homens, segundo o Ministério da Saúde. E se o número de casais no País que não queriam ter herdeiros era de 13% na virada do milênio, atualmente quase dobrou, para 20%. Motivos para a decisão não faltam, segundo os adeptos.

O grande acelerador para a tomada de decisão de uma vida sem bebês foi a flexibilização das regras de esterilização. Até março de 2023, as exigências para a cirurgia eram ter pelo menos 25 anos, consentimento da mulher ou marido ou já ter ao menos dois filhos. A idade mínima baixou para 21 anos e não é mais obrigatória a autorização da companheira ou companheiro. Menores de 21 anos que tenham dois ou mais filhos também passaram a ser autorizados, além de a laqueadura ter sido permitida durante o parto e não mais com o mínimo de 60 dias posteriores. Assim, o número de intervenções pulou de 54.222 em 2022 para

DECIDIDA Bruna Maia decidiu ainda criança e transformou a opção em livro

Fechando a fábrica

Cirurgias de esterilização explodem no Brasil e, com flexibilização de exigências, passam a acontecer cada vez mais cedo. Com isso, população envelhece e tendência é que idade de aposentadoria aumente nas próximas décadas ***Luiz Cesar Pimentel***

FOTOS: FABIO CORDEIRO; DIVULGAÇÃO

98.019 no ano passado entre mulheres e de 67.689 para 95.209 entre homens. "Se a flexibilização tivesse saído antes, eu teria feito não aos 33, mas aos 21, pois já naquela idade eu tinha muita certeza", diz a escritora e artista plástica Bruna Maia, que escreveu o auto-explicativo *Não quero ter filhos, e ninguém tem nada com isso*, coletânea de 20 histórias reais sobre o tema.

O que antes era tabu virou motivo para certa ostentação nas redes sociais. Com o crescimento do número de adeptos, casais sem filhos começaram a usar o Instagram para propagandear a vida isenta das responsabilidades que um bebê traz. Como a tendência de redução de parentalidade não é uma jabuticaba, mas fenômeno global, os pares que gostam de exibir os sorrisos despreocupados foram cunhados de *dink*, um acrônimo de *double income, no kids* (algo como dupla renda, sem filhos). Pesquisa com os *dinks* aponta que 70% desses juram que não se arrependerão da decisão no futuro, a maioria motivada pela preocupação financeira de sustentar uma família. É o caso de Ângelo Dias, que fez vasectomia. "Pensava em ter filhos durante a adolescência, mas ao entender melhor as consequências do ato – e me deparar com o custo das coisas, depois que saí de casa – decidi que isso não faria parte da minha vida", diz. "Quando fiz a opção pela cirurgia, estava namorando, porém nem eu nem minha parceira tínhamos planos de ter filhos. Todas as minhas relações já tinham isso como ponto pacífico: se a pessoa tivesse vontade de filhos, não seria comigo." No caso, houve o agravante do falecimento do pai e madrasta em acidente, que deixaram ele, o irmão um ano mais novo e mais dois gêmeos, que tinham 6 anos na ocasião da fatalidade, em 2017.

Outro fator que tem motivado as pessoas a não procriarem é a saúde mental, por diferentes razões. A cientista social Janaina Carvalho decidiu que faria a cirurgia aos 23 anos, antes de a legislação mudar, e há dois meses fez a chamada ligadura de trompas. "Tenho depressão crônica, a chance de eu ter um quadro pós parto é muito grande. Ou seja, gerar uma criança é um risco enorme para a minha saúde mental, que já não é das melhores", conta. "Além de ter tido consciência da responsabilidade que seria cuidar de uma criança e percebido não ter essa responsabilidade, nem maturidade." Também foi um reforço na decisão de Bruna Maia. "Tenho transtorno afetivo bipolar tipo 2 e manifestava uma melancolia muito grande. Depois que parei de tomar pílula (anticoncepcional), percebi que melhorei muito. Só que o medo de engravidar em um País que não tem aborto legal fazia com que tomasse, o que agravava os sintomas", diz.

O fator "esperar a hora certa para ter um filho" contribui para a conta cirúrgica. Se bem que com valores baixos. "Para os homens com vasectomia, cerca de 10% deles congelam (espermatozóides) por este motivo", diz Edson Borges Jr., diretor-médico do grupo de fertilização assistida Fert-Group. "A mudança na lei foi importante para a garantia de acesso aos direitos sexuais e reprodutivos de forma livre e responsável, sobre quantos filhos as mulheres desejam e em que momento", completa a ginecologista e cirurgiã Émile Almeida.

SEM DESCANSO

O número inversamente proporcional aos apresentados até agora é o de crescimento populacional no País. Com o Censo de 2022 veio a constatação de que a população brasileira apresen-

COMO SÃO AS CIRURGIAS

Esterilização masculina é mais simples e menos invasiva do que a feminina

VASECTOMIA

A esterilização masculina retira fragmento dos dois canais que levam os espermatozóides dos testículos ao pênis. É relativamente simples (mais do que a laqueadura), não afeta a libido nem a ereção, temor que os homens costumavam ter. Leva menos de 30 minutos.

LAQUEADURA

A cirurgia obstrui as trompas de Falópio, responsáveis pela conexão do útero ao ovário. Com isso, impede a chegada dos espermatozóides aos óvulos. A intervenção pode ser feita com corte, amarração ou inserção de um anel e leva em torno de 40 minutos.

ta a menor taxa de aumento desde que o recenseamento foi criado, em 1872 — entre 2010 e 2022 a população aumentou 6,5%, o que representa uma taxa positiva de apenas 0,52% ao ano. Ao serem projetadas as linhas de pessoas que entram no mercado de trabalho e de outras que se aposentam, o cruzamento mais perigoso deve acontecer em 2035, quando o número de aposentados superará o de profissionais ativos, com consequências perigosas para a previdência social. Na década de 1980, o País contabilizava nove trabalhadores ativos para cada aposentado; hoje, são 4,5 para cada, exatamente a metade. Atualmente 15,8% dos brasileiros possuem mais de 60 anos; no ritmo atual, em 2060 serão 25,5% da população. Sem contar que o Banco Mundial acaba de divulgar estudo que aponta que se as regras para aposentadorias não mudarem no Brasil, a idade mínima para se deixar de trabalhar será de 72 anos em 2040, e 78 anos em 2060.

A mudança por onde deve começar a prevenção diz respeito ao etarismo no mercado de trabalho. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad), realizada pelo IBGE, os idosos são o grupo com menor participação profissional. Há 12 anos, o percentual de trabalhadores ativos na faixa etária era de 5,9%. Em 2018, passaram a 7,2%, só que o índice de desemprego mais que dobrou, de 18,5% para 40,3%, com o agravante de que somente 27% trabalhavam no mercado formal e 45% por conta própria, o que faz com que a contribuição para o Regime Geral da Previdência Social (RGPS) não atinja nem o mínimo necessário para evitar rombo nas contas públicas. "Nunca tive essa vontade de passar meus genes para frente nem de colocar mais gente nesse mundo que não parece ter muita chance de melhorar... Se (a paternidade) fosse uma startup, não conseguiria investimento, já que é uma empreitada com muito risco em um ambiente extremamente hostil", faz a analogia com o mundo corporativo o programador Ângelo Dias.

As exigências diminuíram, mas a cirurgia de esterilização demanda ainda algumas etapas prévias à realização. Em relação ao sistema público, o primeiro passo é visitar uma Unidade Básica de Saúde (UBS), onde há o encaminhamento para ambulatório de planejamento familiar. Profissionais passam a acompanhar o caso para garantir a convicção do paciente, que tem que assinar uma série de documentos e realizar exames para descartar a hipótese de transtorno psicológico que enfraqueça a capacidade de decisão. Tanto homens quanto mulheres passam por 60 dias de reflexão desde a busca até a realização do procedimento, já que o Sistema Único de Saúde (SUS) não oferece a cirurgia de reversão, em caso de arrependimento. Todos os estados brasileiros possuem unidades para a realização dos procedimentos. Além das cirurgias, o DIU é um método seguro, de longa duração e fácil reversão disponível nos postos públicos. Outros métodos à disposição são: anticoncepcional injetável, diafragma e pílula anticoncepcional de emergência (ou pílula do dia seguinte), além de preservativos. ■

80% aumentaram as cirurgias de laqueadura desde que a legislação flexibilizou as exigências

COMUM ACORDO Ângelo Dias já foi casado, namorava e dividiu com a companheira à época a decisão

Caso mude de ideia, adotar será melhor do que gerar uma criança

Janaina Carvalho, cientista social, fez laqueadura aos 26 anos

FOTOS: MARCO ANKOSQUI; ACERVO PESSOAL

INÊS 249

CASHBACK OU RECOMPENSAS: SUA EMPRESA SABE QUAL ESCOLHER?

O cashback (dinheiro de volta, em português) consiste em um programa de recompensa ao consumidor, em que é possível ter de volta uma parcela do dinheiro investido em um produto ou serviço.
Além desse retorno, muitos programas de cashback contam com parceiros, permitindo que você compre algo (combustível, uso em aplicativos de comida, etc) com a quantidade acumulada do "dinheiro de volta". Mas isso também pode levar um tempo, ou seja, pode demorar para seu cliente sentir que "recuperou algo".
Para usar esses programas, **é necessário se cadastrar em uma plataforma específica ou fazer download de aplicativos. Depois, basta fazer a compra do produto em um site parceiro e, antes de finalizar a aquisição, é só ativar a opção do cashback.** O retorno do dinheiro pode variar em diferentes porcentagens.
Após a finalização, a loja parceira tem um prazo para avisar o intermediário sobre a compra, para que o dinheiro volte ao cliente ou fique disponível em forma de descontos, vouchers e cupons.
É bem comum que haja confusão entre ações de cashback e estratégias de marketing de recompensas. De fato, ambas têm semelhanças, como a oferta de uma experiência única de compra ao cliente. Porém, o **marketing de recompensas trabalha com a oferta de algo diferenciado ao cliente no valor da compra,** sem necessariamente requisitar um cadastro.

Além do mais, os programas de cashback tornam as relações entre marca e público puramente transacionais, tendo um impacto relativamente baixo no reconhecimento da sua organização. Por outro lado, o **marketing de recompensas oferece opções personalizadas ao cliente,** aproximando a sua empresa dos valores e necessidade de cada comprador, proporcionando a eles viagens, idas ao cinema e até assinaturas de streaming.
As **recompensas instantâneas têm alguns pontos mais vantajosos,** como a aproximação da marca com o cliente, sendo uma ótima estratégia para aumentar a **conversão de leads** (potenciais clientes).
Segundo uma pesquisa realizada pela SmarterHQ, cerca de 90% dos consumidores estão dispostos a oferecer seus dados de comportamento de compra, em troca de benefícios adicionais para melhorar a experiência de compra.
Conheça algumas ações do marketing de recompensas:

GRATIFICAÇÃO INSTANTÂNEA

As gratificações instantâneas são brindes que os clientes recebem na hora, após realizar alguma ação (compra de produto, cadastro em plataforma, etc.). Muitas empresas investem em brindes como **infoprodutos,** ou seja, trocam **conteúdos de qualidade** por dados de comportamento do consumidor. Assim, é possível realizar uma pesquisa de mercado mais assertiva.

CONEXÃO EMOCIONAL

O marketing de recompensas é capaz de gerar uma conexão emocional com os seus clientes, pois se sentem especiais e vão lembrar da sua marca sempre. Como efeito, além de aumentar as taxas de conversão, você também conquista a fidelização do público e maior índice de vendas.

MAIOR RETORNO DE VALOR

O maior retorno de valor depende fundamentalmente de boas estratégias de marketing. Com a oferta de recompensas instantâneas, muitos consumidores se sentem especiais, próximos da marca e não se importam tanto com o preço (ao contrário, eles dão importância à experiência de compra).

MAIOR ENGAJAMENTO DO PÚBLICO

Outro resultado positivo do marketing de recompensas em comparação aos programas de cashback é o maior engajamento do público. Isso porque as pessoas passam a ver a sua marca com mais carinho e afetividade quando recebem uma recompensa, especialmente se ela for instantânea.

RETENÇÃO DE CLIENTES

A retenção de clientes também aparece como uma vantagem competitiva do marketing de recompensas em relação aos programas de cashback. Muito disso deve-se à curiosidade do público em relação às recompensas instantâneas e porque o consumidor se sente valorizado pela marca.

INÊS 249

MODERNIDADE
Norwegian Cruise: lua de mel, formaturas e despedidas de solteiro no navio

Cruzeiros para a nova geração

Turbinada pelas redes sociais e os navios temáticos, a popularização entre as novas gerações faz explodir o número de jovens que optam por viagens marítimas

Mirela Luiz

A imagem dos cruzeiros como destinos exclusivos para a terceira idade está sendo deixada à deriva. Jovens de 20 a 30 anos lotam esses luxuosos navios e transformam o setor. De acordo com dados da Royal Caribbean, cerca de 50% dos passageiros pertencem aos millennials ou à geração Z, revelando uma mudança significativa no perfil. Essa crescente popularidade entre os jovens não poderia vir em melhor hora: as empresas que enfrentaram dificuldades financeiras durante a pandemia buscam a recuperação. Ignacio Palacios, diretor de Vendas da MSC Cruzeiros, afirma que observou um aumento de 60% no número de hóspedes entre 20 e 29 anos na última década: "A procura por cruzeiros como destino para celebrações de várias ocasiões, como lua de mel, renovação de votos, aniversários, despedidas de solteiro e formaturas também cresceu significativamente".

FOTOS: DIVULGAÇÃO; ARQUIVO PESSOAL

DIVERSÃO Royal Caribbean (à esq.) e MSC (acima): atrações variadas para públicos de todas as idades, com ênfase recente nos gostos dos casais jovens e adolescentes

A Cruise Lines International Association aponta que, em 2022 e 2023, o número total de cruzeiros aumentou 12%, totalizando 31,7 milhões de passageiros. Enquanto isso, o turismo internacional enfrentou queda de 12%. A tendência crescente entre os jovens impulsiona o setor, que busca se recuperar das dificuldades enfrentadas durante a pandemia.

Um dos principais atrativos para a Geração Z é o modelo 'all-inclusive', com comida e bebidas incluídas, que pode ser até 20% mais econômico do que os valores gastos com as opções terrestres. O relatório com foco em viagens feito pela consultoria Deloitte para 2024 aponta que 42% da Geração Z e 26% dos millennials utilizam vídeos para planejar as férias, evidenciando a influência das redes sociais no comportamento. A empresária Ianes Azevedo Ismail, de 25 anos, adorou a experiência de poder subir e descer da embarcação em diferentes portos. "A experiência de passar por várias cidades é única. Conheci cada cantinho do cruzeiro com diversas atividades, piscinas, festas e teatro. Fui com meu noivo e celebramos o noivado no navio, foi inesquecível", lembra.

> **"A experiência de passar por várias cidades é única. Celebramos o noivado no navio, foi inesquecível"**
> **Ianes Azevedo**, empresária de 25 anos

Tatiana Mika, especialista em branding, explica que a Geração Z é marcada por essa intensa conexão com a internet e a presença constante nas redes sociais. "Mais de 90% dessa geração utiliza plataformas digitais para buscar informações e planejar suas viagens", afirma. Isso se traduz em uma nova dinâmica de consumo, onde os jovens não apenas buscam qualidade, mas também experiências que façam sentido e estejam alinhadas com seus valores.

EXPERIÊNCIAS DIGITAIS

Os influenciadores digitais têm um papel fundamental na promoção dos cruzeiros, compartilhando vivências autênticas e engajadas nas plataformas sociais. As empresas do setor estão intensificando suas estratégias de marketing digital para capturar esse novo público. O crescimento do interesse dos jovens por cruzeiros está ligado à busca por lazer, descoberta e interação social, possibilitando a criação de conteúdos que alimentam um ciclo de desejo nas redes.

As redes sociais também são fundamentais na identificação e promoção do aumento do interesse por cruzeiros. O Pinterest, por exemplo, registrou um crescimento nas buscas por "vibes de cruzeiro" entre os usuários de 18 a 24 anos. No TikTok, vídeos com a hashtag *#cruisetok* acumulam mais de um bilhão de visualizações. Reconhecendo essa tendência, empresas como a Celebrity Cruises convidam celebridades como a atriz Gwyneth Paltrow para criar novas experiências a bordo, enquanto viagens temáticas nacionais apostam em artistas brasileiros, como Maiara e Maraisa e Alok, para atrair esse público em ascensão. "A demanda por cruzeiros para esse nicho tem aumentado muito por conta dos navios temáticos", afirma a diretora da agência de turismo Soney Tour, Carolina Tomba. "A nossa geração descobriu os atrativos do cruzeiro. Eu mesma fui pedida em casamento a bordo de um", conta. Além disso, a indústria de cruzeiros está se adaptando às expectativas da Geração Z ao incorporar práticas sustentáveis. O compromisso com questões ambientais se torna crucial para conquistar a lealdade desse exigente público. ■

Nem batido, nem mexido

Muito além da polêmica sobre o modo de preparo, o Dry Martini ganha versões criativas nas mãos de bartenders e consultores. As influências vêm de diferentes culturas, mas não deixam que o clássico drinque perca a qualidade de coquetel seco

Ana Mosquera

Foi-se o tempo em que o debate em torno do Dry Martini se restringia ao modo de preparo. Enquanto a frase do personagem James Bond, "Batido, não mexido", ainda rende brincadeiras sobre o clássico da coquetelaria mundial, a receita original, que leva gin e vermute seco, segue derivando drinques ao redor do mundo. Reza a lenda que ela própria provém do Martinez, mistura de gin, vermute doce, licor Maraschino e bitter Angostura, criado em 1884. Desde seu nascimento no início do século 20, o Dry já virou Dirty (com salmoura de azeitona), Salty (com salmoura de alcaparra), Espresso (com café) e até Smoky (com um toque de uísque). O coquetel tomado pelo agente 007 já no primeiro livro da saga é um Vesper, que combina o gin com vodca e Lillet, aperitivo seco francês.

A bebida favorita de personagens da vida real, como a Rainha Elizabeth e o escritor Ernest Hemingway, e da ficção, o próprio Bond e Grace, vivida por Jane Fonda na série *Grace e Frankie* (Netflix), ganha novos contornos, dos bares aos restaurantes. Há versões com ingredientes muito brasileiros, como o de umbu do Preto Cozinha e o de cupuaçu do Cordial, até alternativas inspiradas em culinárias específicas, como o de folha de limão makrut do tailandês Ping Yang — todos na capital paulista. No Atlântico, estabelecimento paulistano especializado em peixes e frutos do mar, o martini tem até carta própria, criada pela consultora Chula Barmaid, que conta com quatro opções além do clássico: "A estrutura do drinque combina

EXCLUSIVA
Novos sabores: entre os cinco martinis da carta do Atlântico, criada por Chula Barmaid, está o a.mar, com rum envelhecido, maçã verde e jerez manzanilla

FOTOS: ROGERIO CASSIMIRO; VICTOR COLLOR; GUI GALEMBECK; REPRODUÇÃO

MARTINI, DRY MARTINI

A receita do Vesper está no primeiro livro de Ian Fleming, *Casino Royale* (1953), cuja obra inspirou os longas sobre o agente 007 (na foto, o ator Daniel Craig como James Bond)

INGREDIENTES
- 3 medidas de gin
- 1 medida de vodca
- ½ medida do aperitivo francês Lillet Blanc
- Limão siciliano

MODO DE PREPARO
Bater as bebidas com gelo e servir em uma taça goblet de champagne, com uma casca de limão siciliano

VEGETAL
Cozinha de produto: o Martini do Jardineiro leva gin e vermute com beterraba e se alinha à proposta da chef Gabriela Barreto no Chou

BRASILIDADE
Por fim, picles: com respeito à receita da era de ouro da coquetelaria, Gunter Sarfert criou o clássico do Cora, o Maxixe Martini, que também leva cachaça

SÓ MEXIDO
Familiaridade: para trazer o Oriente Médio ao Zatartini, com zaatar e damasco, do Shuk Esfihas, Ale Bussab se inspirou em viagens e na própria ascendência síria

com o mundo do peixe fresco e cru. Também utilizamos, na produção, ingredientes que já existem na cozinha, como molhos, cascas de camarão e algas".

VERSÃO BRASILEIRA, ORIENTAL...

Assim como versões do drinque tradicional permaneceram ao longo dos séculos, no paulistano Cora a variação sobre a bebida já se estabeleceu como o clássico da casa. A ideia principal do consultor Gunter Sarfert foi trazer elementos frescos e brasileiros para o copo, a fim de harmonizar com a cozinha sazonal do chef Pablo Inca: "Estamos lidando com algo que tem mais de séculos de história, da fase de ouro da coquetelaria. Eu quis ser fiel ao drinque clássico, que é mais seco e tem toque herbal, mas que trouxesse a brasilidade. Por isso a ideia de usar um picles menos ácido e uma cachaça delicada". Instigado pelo colega Zurriê Souza Firmo, Sarfert elegeu o maxixe para compor a taça que também leva gin, jerez fino, vermute bianco, cachaça, picles e salmoura do vegetal.

No Shuk Esfihas, na capital paulista, os coquetéis autorais têm raízes no Oriente Médio. Criado pelo consultor Ale Bussab, o Zatartini leva, além de gin e bitter de laranja, purê de damasco e vermute seco infusionado com zaatar. A fruta e a especiaria, encontrada em pães, esfihas e na coalhada do cardápio da casa, dão o sabor daquela cultura: "O Oriente Médio ditou o tempero do mundo. Tudo isso está na história da gastronomia, mas precisamos trazê-lo para a coquetelaria. Fomos atrás da pedra fundamental, o clássico, e o juntamos à memória afetiva". Tanto a família de Bussab quanto a dos sócios do lugar, os chefs Suzana Goldfarb e Mauro Brosso, têm origem naquela região. "Tenho lembrança do meu pai trazer esfiha de zaatar para comermos com azeite, de manhã. O Shuk é um lugar muito focado no almoço, então elaborei um coquetel com o tempero e o damasco, que traz dulçor." ■

Com lenço, com estilo

Imortalizado por ícones do cinema mundial da década de 1960, o acessório de pano atado à cabeça está de volta. Misturado à tendência das ruas, confere luxo e atende, sobretudo, aos jovens fashionistas

Ana Mosquera

Seja para proteger os cabelos ou dar estilo ao visual, os lenços de seda e algodão voltam como tendência. A cantora Luísa Sonza investe na peça com força e suas colegas Ludmilla e IZA já se valeram do acessório em público. Fora do País, Billie Eilish, Beyoncé e Rihanna também são adeptas da trend, utilizando o item, inclusive, por baixo do boné. Atrás de charme, praticidade e discrição, o lenço atado à cabeça – sobretudo à la Grace Kelly, com laço sob o queixo – ganha adeptos diversificados. São homens e mulheres, de diferentes rotinas, gostos e profissões que se apegam ao pedaço de pano que marcou época ao envolver o semblante de grandes estrelas do cinema como Audrey Hepburn, Sophia Loren e Brigitte Bardot. Sem perder a sofisticação, ele retorna às ruas e passarelas – de Gucci, Versace e Jacquemus –, combinado a elementos da atualidade. "É um resgate e uma reinvenção. O lenço traz a elegância de décadas passadas, sendo símbolo de status e bom gosto, e, com relação aos dias de hoje, a versatilidade de estar presente nas redes sociais, ruas e semanas de moda", diz Antonio Rabadan, coordenador do núcleo de fashion business e professor do curso de Design da ESPM.

Na Casa de Criadores, em São Paulo, designers extrapolaram a tradição, desfilando exemplares de renda, as peças em looks monocromáticos ou atreladas a chapéus. "O boné junto ao lenço mostra que não estamos mais nos anos 1950 e 1960, mas em 2024, em que o streetstyle e itens modernos se misturam ao vintage", diz Silvia Scigliano, professora do curso de consultoria de imagem e coolhunting do Istituto Europeo di Design São Paulo. Seu retorno tem relação com a febre dos brechós: "Os jovens gostam de usar peças como essa pela qualidade da matéria-prima, o preço, a economia circular e o fato de serem únicas".

DESTAQUE
De truque no cabelo a produto próprio: a empresária Marilia Fialka possui dez exemplares, ama garimpá-los em brechós e vai lançar lenços com sua marca

DIVERSIDADE
Muitos modelos: em importante evento da área no Brasil, a Casa de Criadores, eles reinaram — acima, em desfile de Jorge Feitosa; abaixo, em look dos designers Rober Dognani e Felipe Fanaia

ANONIMATO
Vintage e moderno: à esquerda, a artista Sabrina Carpenter veste Jacquemus no Vogue World Show, em Paris; acima, a diva Rihanna é adepta do combo com boné, que confere atualidade ao visual, além de duplicar sua privacidade

NAS RUAS E REDES
Como os ícones: a cantora Luísa Sonza não se cansa de utilizar os itens com estampas clássicas, com amarração à moda Grace Kelly, e combinados aos óculos de sol

POR BAIXO DO PANO

"Caminhando contra o vento, sem lenço, sem documento", cantou Caetano Veloso em *Alegria, Alegria*, simbolizando a rebeldia dos que lutavam contra a ditadura militar. A falta do lenço também adquiriu ares de subversão longe da militância: não era incomum, em décadas anteriores, que jovens obrigadas a usá-lo nas ruas, sob a moralista alegação de pudor, se rebelassem e o arrancassem à primeira esquina. Também útil contra os raios do sol, é a praia um dos lugares que a empresária Marilia Fialka mais utiliza o artefato. Hoje, ela conta com dez exemplares no armário e vai lançar um com sua marca própria, a floricultura Fialka, inspirado na primavera e nas mulheres. "Gosto de usar para trabalhar, quando estou sem tempo de modelar o cabelo ou com uma roupa básica. Combino as cores por contraste: se uso uma blusa clara, coloco um lenço escuro."

Em oposição à mesmice do uniforme do restaurante da série *The Bear* (Star+), a chef Sidney, vivida por Ayo Edeberi, destaca-se pela variedade de lenços estampados que usa na cozinha. Na vida real, os profissionais da área também os utilizam para segurar os cabelos, mas não só. O chef Mario Panezo, afeito a tendências gastronômicas e fashionistas, destacou-se em um evento, recentemente, ao arrematar com lenço colorido um visual all black: "Seja na cabeça, com boné, no pescoço, como corrente ou pendurado a uma bolsa, ele dá um destaque no look". ■

FOTOS: SOFIA HAGE/DIVULGAÇÃO; MARCELO SOUBHIA/@AGFOTOSITE; REPRODUÇÃO INSTAGRAM @JACQUEMUS; DIVULGAÇÃO; @LUISASONZA

INÊS 249

DESAFIO Produto deve equilibrar o gosto e aparência de carne natural com a maior presença de elementos saudáveis

Carne de laboratório começa a ser vendida

Material desenvolvido a partir de células-tronco de animais vivos já está à venda em Singapura, sem previsão de ser comercializada tão cedo no Brasil

Maria Ligia Pagenotto

O que parece cena de ficção científica, ou algo exequível apenas em testes, já é realidade na versão frango em prateleiras de supermercados em Singapura, país da Ásia. A carne artificial, cultivada em laboratório, surge como uma alternativa ao mercado de proteínas — a princípio em uma localidade rica e com pouco espaço para agropecuária. Singapura tem área total de 697km² — é menor que a cidade de Nova York - e uma população de mais de 5 milhões de pessoas. O país importa 90% de seus alimentos.

Para que as primeiras embalagens da carne cultivada chegassem ao consumidor em maio deste ano, na Huber´s Butchery, foram investidos milhões de dólares. Além de Singapura, EUA e Israel já têm licença para a comercialização do produto.

A carne artificial é produzida a partir de células-tronco extraídas do animal vivo - no caso, o frango. Para que se multiplique, o material é estimulado com aminoácidos, vitaminas, água, sais inorgânicos, hormônios, oxigênio, glicose, entre outros nutrientes. As células são então combinadas com biomateriais comestíveis, que irão constituir a parte sólida da carne no laboratório.

No processo de multiplicação, as células também precisam passar por um biorreator. Após essa etapa, para ganharem mais textura, as carnes são enviadas para uma impressora 3D.

A favor do produto, principalmente, está o fato de ele ser sustentável, e aí estaria sua maior vantagem: não causar dano à vida animal e ao meio ambiente. "Seria uma forma eficiente de reduzir as emissões de metano", diz o médico nutrólogo Durval Ribas Filho, presidente da Associação Brasileira de Nutrologia (Abran).

Para além da questão ambiental, ele vê com um misto de entusiasmo e cautela o cultivo da carne. "Em longo prazo, poderia ajudar a alimentar mais pessoas com proteínas de alto valor biológico." Além disso, segundo o médico, as pesquisas e os investimentos direcionados para o produto podem levar ao desenvolvimento de tecnologias capazes de curar doenças neurodegenerativas.

A preocupação do médico reside no fato de o produto ainda ser muito novo. "Não se sabe se o consumo corriqueiro da carne artificial pode vir a causar algum problema ao organismo", pondera.

VERSÃO MAIS SAUDÁVEL

Após o cultivo da carne de frango, os cientistas já apostam na produção em laboratório de carnes bovinas e suínas. Ribas acredita que é possível, com muito investimento e pesquisa, que as indústrias venham a desenvolver uma carne com menos gordura saturada, e, em contrapartida, maior quantidade de ácidos graxos ômega, que trazem benefícios à saúde.

No Brasil, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) publicou no final do ano passado uma resolução regulamentando o registro do alimento. As pesquisas por aqui ainda estão no início.

"A JBS tem muito interesse nessa produção no país", afirma Ribas. Segundo ele, o produto demanda alta tecnologia e coloca em xeque o agronegócio e o que este representa economicamente para o Brasil. Mas ele acredita que é só uma questão de tempo — e de investimentos — para que, em breve, o brasileiro também possa encontrar nas gôndolas de supermercado, a carne artificial. De preferência, com características mais saudáveis do que a natural. ■

FOTO: DIVULGAÇÃO

INÊS 249
TRÊS
AS MELHORES
DA DINHEIRO
Seja a próxima referência de mercado
Posicione sua empresa como referência no segmento destacando suas práticas, o compromisso com a sociedade e a busca contínua pela excelência. Participe do Prêmio As Melhores da Dinheiro.
Pioneiro na inclusão de questões ambientais, sociais e de governança, com uma metodologia consagrada, o Melhores da Dinheiro é o mais abrangente, criterioso e tradicional prêmio concedido pela imprensa às empresas que se destacaram em seus setores.
O resultado da 21ª edição será divulgado em um número especial da ISTOÉ Dinheiro, a principal revista semanal de Economia, Negócios e Finanças do país.
Inscreva-se até 15 de setembro de 2024
em: asmelhoresdadinheiro.com.br
ISTOÉ
Dinheiro

INÊS 249

Gente

por Ana Mosquera

Estreia em Hollywood

A atriz e modelo Ellen Camp estreia no cinema em grande estilo: em Hollywood, ao lado de astros internacionais como o francês Jean Reno e a mexicana Adriana Barraza. Ela participa de *Meu Amigo Pinguim*, filme dirigido pelo brasileiro David Schurmann que estreia em setembro no País. Ellen enfrentou desafios para compor a trama: viveu em uma vila de pescadores e aprendeu inglês. A barreira do idioma, no entanto, não foi das piores. "Há pessoas de doze nacionalidades envolvidas na produção. Navegar entre diversos idiomas e culturas foi desafiador. Me dediquei a entender as gírias e formas de falar que não estão nos livros didáticos", disse à ISTOÉ. Ellen também debuta no cinema nacional. Em *Por Um Fio* — adaptação do livro de Drauzio Varella com relatos sobre vítimas de câncer, como seu irmão —, ela dará vida a uma mulher que lutou para estudar e exercer a Medicina na década de 1970. "Trabalhamos arduamente para honrar não só a história do Drauzio, mas a de milhares de pacientes oncológicos do Brasil e do mundo", afirmou.

Do cinema ao palco da Broadway

O astro **George Clooney** *se prepara para estrear a comédia de ação* Lobos*, ao lado de Brad Pitt, na AppleTV+. O ator já avisou que apesar de estrear na plataforma, o longa não ficará restrito ao streaming. Segundo o próprio Clooney, é "um filme para ver com outras pessoas, fora de casa". Resta saber se os fãs passarão ilesos à espera — no Brasil, por exemplo, a data de lançamento ainda não está confirmada. No próximo ano, Clooney trocará as telas pelo palco da Broadway: vai interpretar o jornalista Edward Murrow na adaptação de* Boa Noite e Boa Sorte*, filme escrito e dirigido por ele sobre os escândalos do senador Joseph McCarthy.*

FOTOS: CARLO LOCATELLI; DIA DIPASUPIL/GETTY IMAGES/AFP; REPRODUÇÃO INSTAGRAM @ANNEHATHAWAY; OSEIAS BARBOSA; ERNESTO S. RUSCIO/GETTY IMAGES/AFP; @DEDESECCO

Cachê nas alturas

A expectativa para o retorno de **Anne Hathaway** na sequência de *O Diabo Veste Prada* é grande — e o cachê exigido por ela também. Para atuar na sequência do filme que alavancou sua carreira no início dos anos 2000, a atriz exige US$ 10 milhões (cerca de R$ 57 milhões). O motivo extrapola a fama conquistada por ela nas últimas décadas: há boatos de que a próxima trama teria Meryl Streep e Emily Blunt no centro do roteiro, e não Anne. Em duplo destaque, contudo, foi confirmada para *Yesteryear*, adaptação do romance de Caro Claire Burke. Como protagonista e produtora, terá a última palavra.

O ator é meu pai

No filme *Minha mãe Saiu de Férias* Rafael Infante interpreta um pai que precisa cuidar dos filhos enquanto a mãe, vivida por Dani Calabresa, sai de férias. A novidade é que no meio da prole do casal fictício está sua filha real, Lara Infante, com quem convive pela primeira vez nos sets. "Estou muito feliz por fazer essa troca com a Lara. É interessante ver como ela se sai em cena, como é profissional", disse. No teatro, ele estreia como diretor em duas peças e volta aos palcos cariocas com o monólogo *Terapia Infernal*, em que interpreta o diabo em sessão de análise.

Figura materna

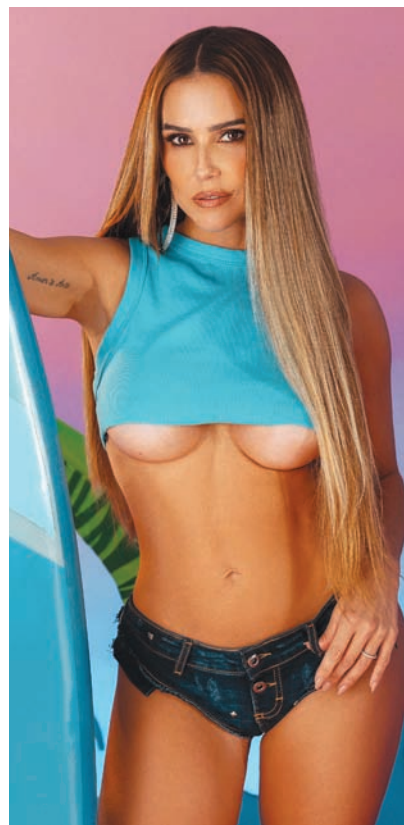
Selton Mello fará o papel do escritor Marcelo Rubens Paiva em *Ainda Estou Aqui* (Globoplay), filme dirigido por Walter Salles e único brasileiro a disputar o Leão de Ouro no Festival de Veneza — o longa também será exibido no Festival de Toronto. "Grandes nomes da sétima arte vão estar por lá. Nós também estaremos, apresentando nossa capacidade singular brasileira", escreveu, nas redes sociais. Enquanto interpreta Paiva — que dedica essa obra à história de sua mãe — Mello tem feito homenagens à própria mãe, falecida recentemente. Na divulgação de *O Auto da Compadecida 2*, subiu ao palco ao lado do pai, mostrou fotos e falou sobre "a mulher mais importante da sua vida".

A Bruna voltou

Foi com essa mensagem que **Deborah Secco** *anunciou o retorno da personagem Bruna Surfistinha às telas. Treze anos depois do filme que levou mais de dois milhões de brasileiros ao cinema, a atriz decidiu, além de ser a protagonista, participar como co-produtora do longa do diretor Marcus Baldini. Inspirado também na história real da ex-garota de programa Raquel Pacheco, a sequência não tem data de estreia. Mas as filmagens já começaram. "Ela me fez uma pessoa completamente diferente. Foi um dos mergulhos artísticos mais profundos que já tive", disse Deborah, no vídeo promocional.*

O crescimento dos **hotéis butique**

Surge uma nova tendência que está transformando a hotelaria nacional: a hospedagem mais intimista, destinada a clientes que desejam ambientes personalizados e luxuosos

Mirela Luiz

No cenário atual da hotelaria brasileira, marcado por desafios econômicos, a ascensão dos hotéis butique se destaca como um fenômeno transformador. Após um período sombrio, assolado pela pandemia, o setor começa a vislumbrar uma recuperação promissora. De acordo com o relatório Panorama da Hotelaria Brasileira de 2023, elaborado pelo Fórum de Operadores Hoteleiros do Brasil (FOHB) e HotelInvest, a expectativa é de que R$ 5,7 bilhões sejam investidos em hotéis urbanos até 2027, com um foco especial em novas unidades que prometem elevar o patamar de sofisticação e conforto.Tradicionalmente, o mercado hoteleiro nacional se divide entre as opções de lazer e as urbanas, cada uma vivendo suas particularidades. O segmento de lazer, em especial, experimenta um momento de euforia, impulsionado por um câmbio desfavorável que faz com que tanto brasileiros quanto estrangeiros optem por viagens internas. Essa dinâmica favorece o crescimento dos hotéis butique, que, desde sua introdução no Brasil nos anos 90, com a inauguração do Hotel Emiliano, nos Jardins, em São Paulo, são sinônimo de exclusividade e luxo.

Com acomodações limitadas, e um design diferenciado, eles oferecem um tratamento personalizado que vai além do convencional. A decoração meticulosamente escolhida, e o atendimento exclusivo, tornam esses estabelecimentos verdadeiros refúgios de requinte. “Acreditamos que os hóspedes têm buscado experiências autênticas e atendimento mais personalizado”, avalia Jorge Castelo, gerente geral do L’Hotel PortoBay, grupo que iniciou sua entrada no Brasil em 2007, no Rio de Janeiro, e inaugurou sua filial paulistana em 2009. Embora sejam procurados principalmente por famílias, por conta do toque intimista e personalizado, essas propriedades também estão equipadas para acolher desde jovens casais a famílias com crianças”, completa.

Os dados de ocupação revelam um cenário de recuperação. Após uma

SOFISTICAÇÃO
Vivências sob medida e ambientes acolhedores são apreciados por um público exclusivo e exigente

REFÚGIO
Visitantes de alto padrão buscam hospedagens que ofereçam conforto e práticas sustentáveis

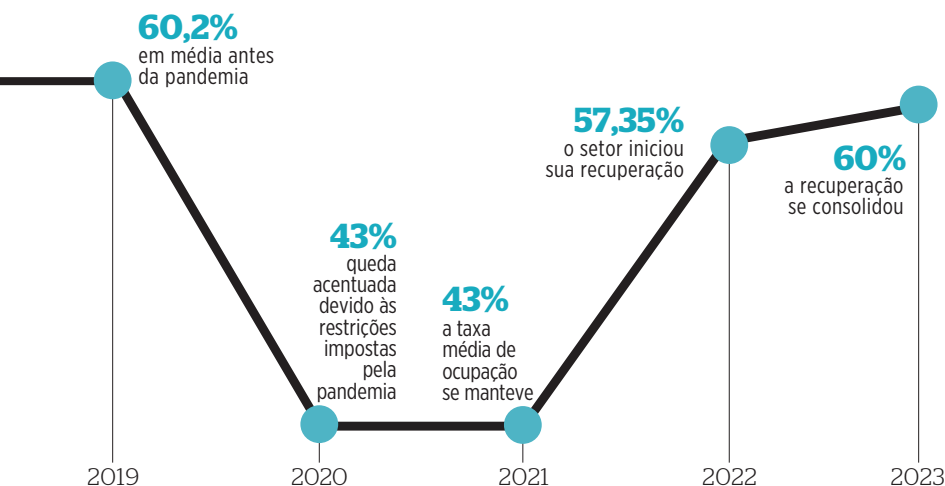
queda acentuada em 2020, a taxa de ocupação dos hotéis butique em São Paulo voltou a atingir níveis pré-pandemia, com uma média de 60% em 2023. A projeção para 2024 é otimista, com expectativas de crescimento sustentado, especialmente com o aquecimento do setor de eventos e a demanda reprimida por experiências de viagens. "De modo geral, temos observado um crescimento de hóspedes em busca de lugares mais tranquilos. O viajante de luxo procura serviços que fogem do tradicional e um hotel butique proporciona exatamente esse tipo de experiência mais privativa", explica Rodrigo Lins, gerente comercial do NANNAI Noronha Solar dos Ventos, localizado no paraíso de Fernando de Noronha.

SPA E MASSAGENS

Entretanto, a jornada de recuperação não é isenta de desafios. A diária média (ADR) dos hotéis butique aumentou cerca de 20% em relação a 2019, mas o crescimento das despesas operacionais, aliado à inflação, exige uma gestão financeira cuidadosa. A busca por experiências personalizadas é uma tendência crescente no setor, refletindo a exigência dos hóspedes por um atendimento que se alinhe às suas necessidades e desejos. Os hotéis butique estão investindo em serviços diferenciados, como experiências gastronômicas exclusivas e atividades personalizadas, para se destacar em um mercado competitivo. "Cada vez mais cresce o número de hóspedes que buscam uma alimentação equilibrada, prática de exercícios físicos, SPA, massagens e yoga, além de um cardápio com opções veganas ou sem glúten, por exemplo", afirma Lins. A sustentabilidade também se tornou uma prioridade, com os hotéis butique adotando práticas eco-friendly e valorizando produtos locais, atendendo um consumidor cada vez mais consciente. "Outra grande tendência que pode moldar o futuro da hospitalidade é a sustentabilidade, tanto com foco no meio ambiente quanto na responsabilidade social", revela o gerente do NANNAI. ■

TAXA DE OCUPAÇÃO

Análise do mercado de hotéis butique no estado de São Paulo

INÊS 249

Os novos hermanos

NEVE
Nevados de Chillán: eleita a melhor estação de esqui do Chile por cinco anos consecutivos

Após décadas com a Argentina no topo, o Chile passou a ser o destino favorito dos brasileiros. Em 2024, antes mesmo do fim da temporada, há 75% mais viajantes que no mesmo período do ano passado

Felipe Machado, do Chile

Após anos escolhendo a Argentina como destino favorito, os turistas brasileiros começam a descobrir as belezas e os encantos de outro país sulamericano: o Chile tornou-se o destino internacional mais procurado no mês de julho. O levantamento, feito pela travel tech Maxmilhas, aponta a Argentina como vice-campeã. As razões para isso podem incluir a alta no preço do dólar e as confusões do presidente Javier Milei, cuja postura tem provocado uma série de greves em setores essenciais. Há também uma maior percepção de insegurança pelas ruas de Buenos Aires, até pouco tempo considerada uma espécie de pequena capital europeia aqui do lado. Pois os turistas brasileiros perceberam que Santiago pode ocupar esse espaço: é uma cidade acolhedora, com bairros sofisticados e excelentes opções de cultura e gastronomia. Principalmente os vinhos: o Chile é o maior fornecedor da bebida ao Brasil há mais de 20 anos.

Quem visitou as estações de esqui chilenas no mês de julho poderia pensar que estava no Brasil: o português foi o idioma oficial nas montanhas. Apesar de estar mais ao sul da capital Santiago — região onde estão resorts como Valle Nevado e Portillo —, Nevados de Chillán se consolidou como uma das estações favoritas dos brasileiros em busca de es-

"O aumento no número de voos permitiu que o fluxo de turistas entre os países quase dobrasse em 2023", afirmou o presidente Lula

FOTOS: DAVID TORREALBA/POTTSTOCK; RODRIGO ARANGUA/AFP; ALEX ROBINSON/ROBERT HARDING PREMIUM/AFP

SOFISTICAÇÃO
Santiago: clima de Europa e boa gastronomia

portes de neve. Virou opção até mesmo para praticantes de primeira viagem, como o casal Rodolfo e Ludmila Martins, de Goiânia: "Já tínhamos o desejo de aprender a esquiar há muito tempo. Uma amiga que tem bastante experiência nos indicou a viagem a Chillán, e estamos adorando", afirmou o empresário. A indicação é a mesma dos experts: o site especializado *World Ski Awards* tem apontado Nevados de Chillán como a melhor estação de esqui no Chile nos últimos cinco anos consecutivos. Outro brasileiro que se encantou com a neve e as piscinas termais da região foi o cantor Durval Lélys, do grupo baiano Asa de Águia, que visitou o local com a família. "É a primeira vez que venho para um resort de esqui. O local foi uma sugestão do meu genro Gabriel, que faz snowboard e já esteve em diversas estações pelo mundo", afirmou o artista, que não dispensou o violão. "Tenho arriscado umas melodias novas. Apesar de a minha carreira ser mais associada ao calor, as montanhas e a neve vão servir de inspiração para alguma música no futuro", afirmou.

MAIOR INTEGRAÇÃO COM O BRASIL

Em viagem ao Chile nessa semana, acompanhado pelo presidente da Embratur, Marcelo Freixo, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva falou sobre a integração entre os países: "O aumento do número de voos permitiu que o fluxo de turistas entre nossos países quase dobrasse no ano passado. Com o plano de trabalho em turismo que firmamos, o Chile tem tudo para se consolidar como um dos destinos mais importantes procurados pelos brasileiros. Meu governo está empenhado em conectar toda a América do Sul por meio de cinco grandes rotas diárias, duas das quais incluem o Chile. O Brasil pode ser a porta de entrada chilena para o continente africano e o Chile pode ser a porta de entrada do Brasil para a Ásia", completou o presidente.

A Embratur e a Fundação Imagem do Chile assinaram acordo para promover o turismo entre os dois países. Entre janeiro e dezembro de 2023, o fluxo de brasileiros para o país andino cresceu 114% em relação ao mesmo período de 2022. Em 2024, mesmo antes do encerramento da temporada, houve um aumento de 74,8% no número de brasileiros no Chile em relação ao mesmo período do ano passado. Os dados são do Serviço Nacional de Turismo do Chile (Sernatur). O caminho inverso também existe: o Chile é o terceiro país que mais envia turistas ao Brasil. Só no primeiro semestre desse ano, mais de 330 mil viajantes desembarcaram no País, cerca de 30 % a mais que no mesmo período do ano passado. A previsão do GlobalData é que mais de 450 mil chilenos viajem para o Brasil até o final desse ano. Os argentinos que nos perdoem, mas, em tempos de Javier Milei, os chilenos se tornaram os nossos novos hermanos. ■

NATUREZA
Cordilheira dos Andes: país é conhecido por sua cadeia de montanhas

INÊS 249

LIVROS

por Felipe Machado

Einstein nos trópicos

Diários da viagem do físico alemão à América do Sul revelam elogios às paisagens naturais e comentários preconceituosos sobre os anfitriões

OPINIÃO
Albert Einstein: elogios ao trabalho de Cândido Rondon junto aos indígenas

ENTRE NÓS O físico no Observatório Nacional: longos discursos e excessiva adulação

Há quase cem anos a América do Sul recebia a visita de um célebre viajante. Albert Einstein, o renomado físico e autor da Teoria da Relatividade, desembarcou no continente em 1925, passando pela Argentina, Uruguai e Brasil. Sua jornada, a convite da comunidade científica e de associações judaicas locais, ofereceu uma oportunidade única para um dos maiores cientistas da história conhecer novas culturas e paisagens. Seus diários de viagem, porém, revelam um lado menos conhecido do gênio alemão — a personalidade polêmica e preconceituosa.

Organizado pelo pesquisador Ze'ev Rosenkranz, *Os Diários de Viagem de Albert Einstein — América do Sul, 1925* (Record) registram as impressões sobre os locais visitados e as pessoas que encontrou. As reações foram variadas. Na Argentina, não escondeu o desdém pela população local, descrevendo-a como "gentalha repulsiva". Em contrapartida, demonstrou admiração pelos uruguaios, elogiando a atmosfera acolhedora de Montevidéu. No Brasil, apesar de expressar certo encanto pelas paisagens do Rio de Janeiro e as vistas deslumbrantes da cidade, fez comentários racistas e referiu-se aos brasileiros de forma depreciativa.

Esse lado controverso do cientista é evidenciado em episódios como o encontro com Aloysio de Castro, chefe da Faculdade de Medicina, descrito por Einstein como "um macaco". Esses relatos revelam o lado desconhecido de uma figura que, embora revolucionária em sua contribuição para a física, reflete os preconceitos de sua época.

"NADA INTERESSANTE"

Além das anotações diárias, o livro traz uma sequência de cartas e cartões-postais escritos durante a viagem. Há uma boa diferença entre o que ele escreve em seus cadernos, de forma íntima, e a correspondência enviada aos amigos europeus. Sem antecipar que os textos pessoais seriam lidos por terceiros, capricha na ironia e nas expressões agressivas. Nas mensagens aos amigos, o tom é outro, mais agradável. Ao presidente do comitê do prêmio Nobel, na Noruega, rasga elogios ao trabalho de Cândido Rondon: "Tomo a liberdade de chamar sua atenção para as atividades do general Rondon, no Rio de Janeiro, porque durante minha visita ao Brasil, cheguei à conclusão de que esse homem seria altamente digno do Prêmio Nobel da Paz. Sua obra consiste na incorporação das tribos indígenas à humanidade civilizada sem o uso de armas ou de coerção de qualquer natureza". Já para a amiga Michele Besso, demonstra desprezo pela experiência: "Foi muita agitação, sem nada de realmente interessante. Mas ao menos tive algumas semanas de paz e quietude durante a viagem marítima".

> **"Aqui sou uma espécie de elefante branco para eles, e eles são macacos para mim"**
> **Albert Einstein**, em crítica aos brasileiros que o recepcionaram durante a visita ao País

Einstein abusa dos termos racistas em relação aos brasileiros: "Aqui sou uma espécie de elefante branco para eles, e eles são macacos para mim. À noite, nu e sozinho em meu quarto do hotel, aproveito a vista da baía, com incontáveis ilhas rochosas, verdes e parcialmente desnudas, ao luar". Para o cientista, a atitude local é influenciada pelo clima. "Todos me dão a impressão de terem sido amolecidos pelos trópicos. O europeu precisa de um estímulo metabólico mais intenso do que essa atmosfera eternamente mormacenta tem a oferecer. De que valem a beleza e a riqueza naturais nesse contexto?", indaga.

Os diários são acompanhados de fac-símiles das páginas originais e uma rica seleção de materiais suplementares, como documentos e discursos. Os textos adicionais ajudam a contextualizar a visita e a compreender melhor as circunstâncias e motivações de Einstein. A viagem, que deveria ser uma espécie de fuga da crise na Europa, acabou sendo uma experiência intensa para o físico, marcada por uma agenda exaustiva de palestras e pela animação exagerada das multidões locais. Oferece não apenas um registro histórico valioso, mas um convite à reflexão sobre as contradições humanas, mesmo por parte de um de seus maiores cientistas. Revela também que nem os maiores gênios estão imunes a falhas e preconceitos. ■

FOTOS: CORTESIA DO ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN, BUENOS AIRES; CORTESIA DO FUNDO OBSERVATÓRIO NACIONAL/ARQUIVO DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA DO MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS (MAST)

Cultura/Música

Na voz dos outros

Uma velha tendência domina a nova geração da música brasileira: o lançamento de álbuns e a criação de shows especiais em homenagem aos ídolos do passado

Felipe Machado

Fazer versões de grandes artistas do passado não é nenhuma novidade. As homenagens feitas por destaques da nova geração, no entanto, estão ficando cada vez mais reverenciais. Não basta mais gravar um sucesso do passado, dando a ele nova roupagem e arranjos mais modernos. A tendência agora é dedicar um álbum completo ou um show especial ao ídolo, muitas vezes apresentando o repertório exatamente na ordem em que foi concebido originalmente.

Os exemplos são muitos. Fundada há duas décadas, a banda pernambucana Mombojó foi pressionada pela gravadora para lançar no início do ano o novo álbum. O problema é que o repertório não estava pronto. Optaram, então, por um projeto especial. “Pela agilidade, veio a ideia de reviver a obra de um grande artista”, afirma o vocalista Felipe S. Escolheram o conterrâneo Alceu Valença, cuja carreira teve o ápice nos anos 1980, época em que ainda eram adolescentes. O álbum *Carne de Caju* traz oito faixas, entre elas *Tomara*, *Como Dois Animais* e *Estação da Luz*.

Um dos lançamentos de maior repercussão nos últimos tempos foi *Xande Canta Caetano Veloso*, onde Xande de Pilares reinterpretou os clássicos do compositor baiano em ritmo de samba. A paulistana Ana Cañas preferiu apostar no repertório de um ídolo da adolescência para alcançar o maior sucesso de sua carreira. O premiado projeto *Ana Cañas Canta Belchior* correu o País em uma bem-sucedida turnê de mais de 150 shows antes de ser registrada no disco *Ao Vivo em Sobral*, cidade natal do compositor. A crítica aprovou: a performance foi considerada o “melhor show do ano” pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA).

Consagrados nos palcos, dois projetos bem-sucedidos de tributos deveriam ser levados ao estúdio. *Otto Canta Reginaldo Rossi*, show do cantor e compositor pernambucano composto por hits dos anos 1970 e 1980, é um sucesso até mesmo entre o público descolado que não nunca ouvira falar do “rei do brega”, como Rossi era chamado. Apesar de ter a estante lotada de discos de ouro, devido às altas vendagens de seus trabalhos, o ídolo popular se ressentia por não ser aceito pela nata da MPB. O resgate de Otto corrige essa injustiça: com novos arranjos e uma big band formada por nove músicos, canções como *Garçom*, *As Quatro Estações* e *Mon amour, meu bem, ma Femme* comprovam que Rossi merecia estar no mesmo patamar de outros ícones da música brasileira. Já Tim Bernardes decidiu homenagear Gal Costa pela primeira vez em um show no C6 Festival, em São Paulo, por ocasião do aniversário da morte da cantora, em novembro de 2022. Em um evento emocionante, desfilou sucessos como *Volta* e *Baby*, antes da canção *Realmente Lindo*, de sua autoria, que a artista baiana gravou em 2018. Unanimidade entre a nova MPB, Gal Costa também foi homenageada por Marina Sena e Filipe Catto.

CRIATIVIDADE EM CRISE?

A lista parece não ter fim: a rapper Tássia Reis celebrou os cinquenta anos de carreira de Alcione. Já Anelis Assumpção prestou tributo aos reis do reggae jamaicano: depois dos clássicos de Bob Marley, criou uma apresentação dedicada a Peter Tosh. Há espaço até para projetos familiares – o guitarrista Beto Lee recorreu a um time de peso, que incluiu o baixista Lee Marcucci, do Tutti Frutti, antiga banda de Rita Lee, para lembrar no palco o repertório da mãe. Sem esquecer a deferência feita em turnês recentes dedicadas a Roberto Carlos (Del Rey), Tim Maia (Fat Family), Dorival Caymmi (BNegão), Marisa Monte (Silva) e Jorge Benjor (Los Sebosos Postizos), entre outros. Marketing ou amor verdadeiro? O sistema das plataformas de streaming podem estar por trás disso: a necessidade de lançamentos constantes, exigência do mercado atual, certamente prejudica a criatividade. ■

INÊS 249

 por Felipe Machado

RECORDAÇÕES Chico Buarque aos 9 anos: futebol nas ruas e paixões platônicas

LIVROS

Memórias da infância na Itália

Em *Bambino a Roma*, Chico Buarque une ficção e realidade para voltar aos tempos em que viveu na Europa com a família

Chico Buarque recorre mais uma vez à literatura para realizar uma nova incursão ficcional por sua história familiar. Dessa vez, suas memórias o levam à Itália do início dos anos 1950, quando seu pai, o célebre sociólogo Sérgio Buarque de Holanda, foi convidado para lecionar na Universidade de Roma e levou consigo a mulher, Maria Amélia, e seus sete filhos. Chico abre seu baú de memórias, mas não abre mão de inventar parte da realidade para tornar a narrativa mais interessante. É provável que a distância temporal o tenha obrigado a preencher as lacunas com sonhos e desejos no lugar dos fatos. Daí a opção por classificar a obra como "ficção", e não como uma autobiografia tradicional. Aos 9 anos, o garoto lembra em detalhes como deixou a casa em São Paulo para embarcar em uma viagem de navio com direito a muitos enjoos, até chegar à costa italiana. Uma vez instalado, "Francesco" enfrenta as alegrias e os desafios típicos da infância. Dos passeios com a bicicleta de aros brancos às brincadeiras no parque da cidade, Chico escreve que "no estrangeiro é tudo estranho". Além das aventuras na sala de aula, onde ele confessa ter sido assediado por um professor, a história se concentra basicamente em dois temas: a paixão pelo futebol — o garoto se destaca nas peladas de rua — e a descoberta do sexo feminino. Primeiro, se apaixona pela jovem professora de italiano do pai; mais tarde, cai nas armadilhas do amor platônico após dançar uma valsa com a atriz Alida Valli, mãe de um colega da escola.

ECOS DE FELLINI E DE SICA

Apesar da fama e do sucesso como compositor e cantor, o Chico escritor tem conquistado elogios do público e da crítica. Em 2019, recebeu o renomado prêmio Camões, o mais importante da língua portuguesa, pelo conjunto da obra. O novo livro, no entanto, remete mais aos mestres do cinema: é inevitável lembrar das nostálgicas imagens dos italianos Federico Fellini em *Amarcord* e Vittorio De Sica em *Ladrões de Bicicleta*.

PARA LER

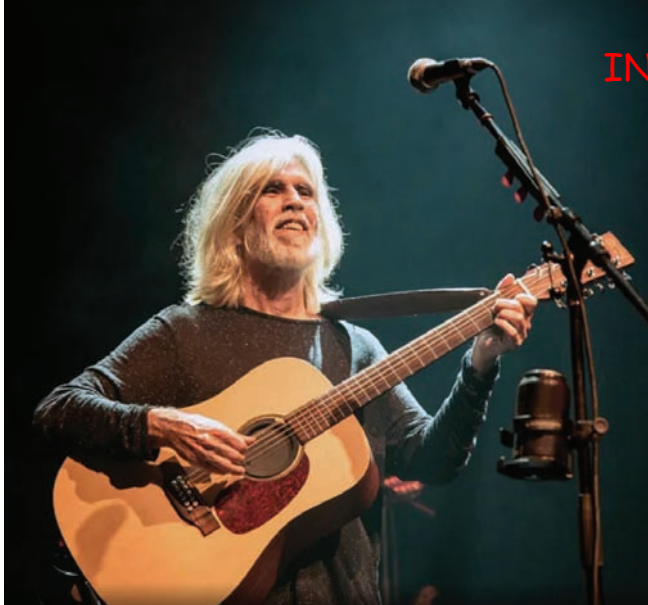
Rio Sangue, novo romance do cearense **Ronaldo Correia de Brito**, é fluido e ramificado como "artérias do corpo humano". Conta a história de José e João, dois irmãos opostos em gênio e personalidade, que vivem paixões avassaladoras sob o cruel sol do sertão.

PARA VER

O britânico Ken Loach está de volta com seu cinema engajado e de forte cunho social. No filme ***O Último Pub***, um pub britânico passa a ser boicotado depois que seu proprietário presta auxílio a uma família de imigrantes da Síria.

PARA OUVIR

Aos 88 anos, a cantora carioca **Alaíde Costa** celebra sete décadas de carreira com o lançamento do novo álbum *E Agora o Tempo quer Voar*. No repertório, canções feitas para ela por Caetano Veloso, Marisa Monte e Nando Reis.

FOTOS: ARQUIVO PESSOAL; DIVULGAÇÃO; REPRODUÇÃO; MURILO ALVESSO; DANIEL KLAJMIC; ALICIA COHIM; ROMULO FIALDINI

PRÊMIO

A hora da música instrumental

Após o sucesso da primeira edição, o Tokio Marine Hall apresenta seu 2º Prêmio de Música Instrumental, que distribuirá R$ 210 mil aos vencedores. As inscrições são gratuitas e vão até 10/9. O evento homenageia o músico **Oswaldo Montenegro** (foto), que comemora 50 anos de carreira. Os participantes podem inscrever duas canções autorais e a releitura de uma composição de Montenegro. O júri será composto pelo crítico Julio Maria, a cantora Fernanda Porto, o produtor João Marcelo Bôscoli e o executivo Flavio Otsuka.

SÉRIE

Intolerância com os vizinhos

Onde está Marcinho? A resposta será revelada em 15/8, data de estreia da segunda temporada de ***Os Outros***, série da Globoplay criada e escrita por Lucas Paraizo. A produção volta ao tema da intolerância entre vizinhos, numa narrativa que aborda as complexidades das relações familiares e sociais nos dias de hoje — e seus desdobramentos muitas vezes extremos. A trama resgata os personagens Cibele (Adriana Esteves) e Sérgio (Eduardo Sterblitch), tendo como ponto de partida a busca de Cibele pelo filho desaparecido, Marcinho.

MUSICAL

Capiba, o mestre do frevo

Com 45 bailarinos e 19 músicos no elenco, o espetáculo *Capiba, Pelas Ruas eu Vou* celebra a vida do pernambucano **Lourenço da Fonseca Barbosa**, um dos mestres do frevo no País. As apresentações acontecem em 13 e 14/8 no Teatro Sabesp Frei Caneca, em São Paulo. "Capiba é o maior compositor de frevos, mas sua obra vai muito além desse ritmo, com valsas, choros, maracatus e até música erudita, chegando a mais de 200 composições, entre elas a ópera *Missa Armorial*, uma obra-prima", conta a bailarina Cecilia Brennand.

EXPOSIÇÃO

A criatividde de Guto Lacaz

O humor característico na relação de Guto Lacaz com objetos cotidianos, que ele transforma em arte, é evidente nas cerca de 170 obras expostas na mostra ***Cheque Mate***, em cartaz no Itaú Cultural, em São Paulo. O artista multimídia de 76 anos é conhecido por suas instalações, além da vasta produção como desenhista, ilustrador, cartunista e designer. A exposição celebra quase 50 anos de carreira do artista, oferecendo uma visão bastante abrangente de sua obra. Com curadoria dos designers Kiko Farkas e Rico Lins, fica em cartaz até 27/10.